

POLIGRAFIA

TEMPO(S)

Lucas M. Carvalho
Jonatas Tosta B.
S.
Gabriel Sant'Ana

poligrafia.me

APRESENTAÇÃO

Tempo(s)

Todos esses meses encerrados em casa pela quarentena nos faz pensar sobre a passagem do tempo. Enquanto os dias passam lentos e se esticam entre livros e lives, os meses voam sem os eventos que normalmente ancoram nossa percepção da passagem. E não é só a duração do tempo que parece afetada. Empilham-se sobre nós o futuro e o passado. De um lado, a pandemia reacende as tochas da história e ilumina o passado de epidemias. A peste negra, a febre amarela e a gripe espanhola se tornam fantasmas entre nós. Do outro, a pandemia pavimenta novos

trajetos para um futuro que agora precisa ser vislumbrado: um futuro mascarado, de distanciamento, de precaução.

Assim como partículas, ao colidirem, se fragmentam em subpartículas desconhecidas, o tempo também colide e igualmente se fragmenta em realidades a serem desvendadas. Sua linearidade, sua constância, sua estabilidade são apenas traços teóricos a funcionar nos riscos de um caderno de exercícios de física. O tempo se agita, se dobra sobre si, corre, descansa, devora seus filhos. Talvez algum dia, chegue mesmo a morrer.

Nesta edição do Poligrafia, dedicamos nossos contos ao tempo em suas mais diversas acepções. Passado e futuro,

eternidade e momento, progresso e repetição entram em tensão nas narrativas que aqui serão encontradas: “Mnemosine”, de Jonatas Tosta B., explora a busca pela memória em um mundo pós-apocalíptico; “Filebo 4.0”, de Gabriel Sant’Ana, traz o diálogo platônico para o tempo dos apps; “Hotel 1995”, de S., aborda a viagem no tempo em uma empresa de turismo temporal; e “O não-lugar”, traz a jornada de um mago pela história em busca de um vislumbre da eterna Utopia.

Talvez o futuro seja incerto e você venha ou não a ler essas histórias. Talvez passado e futuro sejam simultâneos e você já leu e está lendo essas histórias em outros recortes do tempo. Talvez cada possibilidade tenha

sua própria realidade e você lerá e não lerá
nossas histórias. De uma forma ou de outra,
é sempre tempo para uma boa leitura.

S.



Sumário

Mnemosine.....	7
Filebo 4.0	61
Hotel 1995.....	91
O Não-lugar	155

MNEMOSINE

Jonatas Tosta B.

1.

Nada se movia sob a mortalha de névoa ao longo da estrada. Extensas manchas de limo úmido cobriam as carcaças metálicas. Não era possível distinguir entre carros domésticos e tratores empilhados como corpos em uma guerra. Pedacos baços de asfalto emergiam aqui e ali modelando grandes fissuras, como se o caminho fosse um velho quebra-cabeça de ossos quebrados. Profundos sulcos de pneus guardavam poças d'água que refletiam o céu encoberto por nuvens sujas. De modo abrupto, o reflexo do céu distante foi

quebrado por oito pequenas botas em fileira. Tateavam a lama procurando uma superfície em que não afundassem. Darja segurou nos pulsos de Clev para que não caísse. Ele logo saltou uma fissura tão negra que não dava para saber se era parte do chão ou uma armadilha feita de lodo.

– Olha o tamanho desse buraco – resmungou Clev, tirando os cabelos embaraçados do visor da máscara.

- Você podia ter ficado em casa – a voz igualmente abafada.

Sem o menor cuidado, ele meteu o dedo por baixo do filtro de respiração e coçou o queixo.

– Vocês precisavam da caminhonete – disse. - Como acha que chegariam aqui?

- Calev, juro que se tirar essa coisa da cara, vou te deixar agonizando...

Sêneca, que caminhava à frente de todos, de sobrancelhas ralas, uma jaqueta amarela que batia nos joelhos, pôs a mão no ombro da menina.

- Não, Darja. Por favor.

Ela não se conteve, mas o menino não se interessou pelo que ela murmurou em seguida. Estava concentrado. A região era hostil. O Sol, afogado na névoa, não brilhava há pelos menos um dia. Não era fácil olhar através das máscaras, e as sombras afastavam ainda mais o mundo de seus olhos. Por qualquer passo vacilante, poderiam tropeçar e perfurar o corpo em

dos vergalhões que escapuliam das reentrâncias de concreto.

Distante, o caminho para Mnemosine voltava a se formar em sua cabeça. Mas não poderia continuar sem o irmão. Olhou para trás e perguntou:

- Franco?

- Eu falei pra ele não ir longe – disse Darja.

Calev apontou um monte de asfalto coroadado por presas rochosas. A silhueta de um menino cabelos negros e botas grandes que arrancava vagens frescas nascendo à beira da estrada.

- Ele está nos atrasando outra vez – disse Calev.

Sêneca lhe lançou um olhar grave.

- Lembra do que prometeu?

- Sim, eu sei, mas...

Darja pôs as mãos ao redor da boca e gritou, interrompendo Calev.

- Franco!

O menino acenou para que o esperassem.

Calev tentou se explicar outra vez, mas Sêneca não lhe deu atenção. Limitou-se a conferir seu robusto relógio de ponteiros que balançava feito um pêndulo no pulso fino. Bateu no visor rachado. Os ponteiros giraram e voltaram a apontar para frente, como uma bússola. Então, ajeitou a mochila nas costas e apressou a caminhada.

O irmãozinho, lá atrás, bateu nos joelhos de punhos fechados para tirar a

sujeira e saltou sobre a fissura cheia de lodo. E os alcançou muito ofegante. Quase não viam seus olhos dentro da máscara embaçada.

- Olhe. – Mostrou as sementes que havia trazido. – São feijões.

Sêneca observou as palmas abertas. Era a primeira coisa via com alguma cor desde que começara a viagem. Apesar da luz parecer ter abandonado o dia, a cor verde se sobressaía entre os dedos imundos.

- A terra está voltando a ser fértil – disse.

Calev bateu no filtro da própria máscara. Tinha esse hábito para chamar a atenção.

– A professora falou que os vegetais estão se adaptando, como as plantas que vieram do fundo do mar.

Sêneca tirou um livro do bolso da jaqueta. A capa fora arrancada, e, na primeira página, havia apenas o desenho de uma serpente em espiral e um pêndulo. A julgar pelo seu estado, era uma edição bem antiga. As folhas estavam amareladas, cobertas por tantos rabiscos que só era possível ler umas poucas frases. Anotações de cores variadas, uma série de mapas dobrados, presos por cliques. Também havia uma foto em preto e branco de um homem vestindo pulôver. Estava em uma câmara de fotografia automática. Não dava para saber se o tom de pele era branco ou moreno. Mas

Sêneca sabia que era moreno, porque, segundo sua mãe, ele se parecia com o pai.

Cuidadoso, aproximou o relógio da máscara e conferiu os ponteiros outra vez. Ao abrir o mapa, gotas de suor caíram do punho manchando o papel. Os desenhos do outro lado da folha ficaram visíveis.

- Estamos chegando? – perguntou Franco.

Passou o dedo pela escala cartográfica e apontou a palavra em letras de forma escrita a caneta. “La DINA”.

- O lugar fica aqui. Está vendo?

Franco pôs a cabeça na frente, olhou uma porção de números dentro de um círculo mal feito e começou a contar.

- Estamos longe?

- Não muito. Se tudo der certo, temos apenas duas horas de caminhada. Estaremos em casa amanhã antes do meio-dia.

A respiração de Franco se acalmou. Sêneca podia ver os olhos vesgos do irmão sorrindo nas sombras dentro da máscara.

2.

O horizonte começava a embaçar sob a fina névoa. Era como se olhassem através de uma garrafa. Os primeiros prédios se tornavam pouco visíveis, além das torres de alta-tensão. Não precisariam ir tão longe, Sêneca explicou. A região para onde iam fazia parte das zonas residenciais, mais próximas aos que há muito tempo fora uma grande floresta de ciprestes.

Os conjuntos habitacionais tinham o aspecto duro de um olhar de soldado. O entablamento da maioria dos prédios era plano, sem balaústras, e os telhados escamosos estavam cobertos por musgo azulado. Camadas de tinta descascavam feito pele de cobra revelando armações de concreto e aço. Calev e Franco comentavam que os grandes prédios, repletos de minúsculas janelas, lembravam uma colmeia de vespas. Sêneca evitava olhar os espaços vazios marcados pela presença humana, levada dali há muito tempo por um evento singular chamado Apaeck nº 4.

Sêneca apressava o passo e Darja tentava acompanhá-lo, apesar de ter pernas bem mais curtas.

- Acha que isso vai dar certo? – ela perguntou.

- Tenho certeza.

A menina ajeitou o cabelo por cima da orelha.

- Me desculpe, mas isso tudo é tão estranho.

- Eu sei. Também é estranho para mim.

- Por que você insiste? Quero dizer. Podia ser apenas loucura do seu pai.

O menino sentiu o peso do mapa nas mãos.

- Pode ser – resmungou. - Agora estamos aqui. Não vale a pena voltar sem saber.

Sêneca espremeu a borda do casaco até os dedos perderem a circulação.

A menina notou como apertava o tecido e decidiu mudar de assunto.

- Você sempre me contava sobre a pesquisa de seu pai, mas nunca me explicou uma coisa.

- O quê? – As mãos afrouxaram.

- De onde ele tirou essa ideia, de voltar às memórias mais?

- Não está claro pra mim ainda. Meu pai só me deixou o livro.

Sêneca abriu as páginas murchas. A menina se aproximou para ver melhor, e quase encostou no seu ombro.

- Aqui estão todas as notas. – Continuou. – Desde que ele começou. Está vendo?

- É um romance.

- A maior parte da história está escondida debaixo das notas. Mas tem algumas que dá pra ler. Mas são poucas. Não encontrei outra versão na biblioteca. O personagem principal se chama Valdemar. Ele está quase morrendo e decidem fazer algumas sessões de hipnose com ele, pra ele falar o que ia ver quando chegasse do outro lado.

- E Valdemar fala?

- Não sei – deu de ombros. - A página está ilegível nessa parte.

A menina pegou o livro de sua mão, observou por um instante e o devolveu.

- É realmente estranho.

- Acho que meu pai teve a ideia por causa disso.

O irmão de Sêneca se adiantou na direção de uma faixa retangular submersa nas espirais de neblina. Chamou a atenção dos dois, apontando para uma placa em um idioma que não reconhecia. A tinta verde havia descascado bastante nas bordas, mas os caracteres impressos se conservavam legíveis.

- O que está escrito aí? – perguntou.

- Espere – Caley balbuciou ao seu lado.

Aproximou o rosto dos logogramas e concluiu: – É mandarim.

- Tem certeza? Está com cara de japonês.

- Caley tem razão – disse Sêneca. – São os símbolos que Sra. Catarina nos ensinou.

- Deixa eu tentar.

Darja se inclinou mais um pouco. Limpou a poeira sobre os caracteres com um lenço e apertou os olhos, como se aquilo fosse ajudar a ler melhor.

- É um nome. San-ti-a-go. Santiago. Vinte quilômetros.

Sêneca conferiu o livro, ao mesmo tempo que corrigia a direção dos ponteiros da bússola-relógio.

- É o caminho certo.
- Vinte e cinco quilômetros? – Calev se queixou.

Sêneca dobrou o livro e o guardou.

- Não há com que se preocupar. Vamos parar antes da cidade. Nosso destino não poderia estar tão próximo assim daquele lugar.

- Por quê?

- A cidade é um lugar proibido.

- Proibido? – Calev questionou, desconfiado.

- Não disse que era perigoso, disse que era proibido.

Sêneca chutou um pedregulho que rolou até uma poça de lama, e seguiu adiante, ignorando a neblina que escondia o caminho.

- Estamos perdendo tempo aqui.

3.

O relógio balançava no pulso conforme continuava a longa marcha. Já havia se passado uma hora, e as casas do subúrbio se tornavam mais frequentes. Tinham no

máximo dois andares, um quintal estreito e uma garagem cujas calçadas possuíam marcas claras de pneu que as chuvas, ao longo das décadas, não conseguiam limpar. Não havia corredores para os fundos, provavelmente para economizar espaço entre as residências. “Residências coletivas” era como se chamavam. As crianças só tinham visto aquele modelo de construção em enciclopédias e semanários sem capa. O lugar, apinhado de fileiras de casas ao longo da estrada, poderia ter qualquer nome. Não fazia a menor diferença.

Eles atravessaram a estrada em ruínas e seguiram pelas vielas cimentadas. Estavam em melhor condição do que qualquer parte

da rodovia. Avançaram pelo interior do complexo residencial, quase sem perceber a mudança da paisagem. Darja comentou que não havia postes de energia por ali, como em sua cidade natal. Concluiu que, provavelmente, a energia era conduzida por complexos subterrâneos através de tubulações até as casas. Caley reconheceu que os antigos habitantes deviam ter muito mais sabedoria do que os vivos, e lamentou.

As crianças chegaram ao trecho que devia ser o centro comercial, abarrotado de pequenas lojas com placas de metal sobre a porta e capachos puídos na soleira. Passaram por uma série de vitrines com manequins de plástico. As roupas estavam conservadas o suficiente para eles tocarem

sem se desmanchar. Enquanto os outros, no momento de descanso, cediam a curiosidade e investigavam a loja, Franco permaneceu do lado de fora, sentado na calçada. Ao notar seu desconsolo, o irmão se aproximou e se agachou, levando o rosto à altura dele.

- Está com falta de ar?

Cabisbaixo, Franco amassou um panfleto com um monte de crianças felizes em um foguete espacial. Enfiou-o no bolso, esmagando-o ainda mais.

- Havia tanta gente andando por aí? – perguntou.

Sêneca pôs a mão no ombro para consolá-lo.

– Isso também me incomoda às vezes. Vamos desaparecer um dia, todos nós. Mas estamos aqui, e isso é mais importante.

Franco abaixou mais a cabeça, quase a encostando entre os joelhos.

- Você não entendeu nada, irmão.

- O que não entendi?

- Estavam aqui, tanta gente, mas não consigo imaginar ninguém. Quando vejo tudo que deixaram pra trás... É como se não significassem nada.

O solo recebeu as gotas que caíram dos olhos.

- O que vão dizer sobre nós? Ninguém vai saber que andamos por aqui.

Sêneca agarrou seus ombros e o abraçou. Seu peito não permitiu que o irmão pronunciasse mais nenhuma palavra.

4.

Quando cruzaram a última residência do subúrbio, um breve campo macio se abriu diante deles. A cada passo, a mortalha de névoa cobrindo o chão se tornava mais rara. Revelou-se um deserto de musgo coberto aqui e ali por grossas nódoas de cogumelos negros. Eram um pouco assustadores. As crianças tinham a impressão de os cogumelos que saltariam a qualquer instante em seus ombros. Sobre o horizonte quieto acima do campo, uma cordilheira de montanhas azuis se erguia tendo olhos

apenas para o firmamento. A tarde velava as primeiras sombras que se subindo da terra. Não havia trilhas por onde passar. Todas tinham se apagado com chuva e vento.

Andaram um atrás do outro, acostumando-se com o terreno macio.

- O chão parece de carne – disse Caley, cavando o solo com os calcanhares.

Franco, desajeitado, tropeçou num enorme cogumelo que espirrou nuvem de esporos.

- Cuidado! – gritou Darja. – Essa coisa pode ser venenosa!

A menina lançou um olhar reprovador a Sêneca.

- Devia tomar mais cuidado com seu irmão.

Ele balançou a cabeça e explicou:

- São só bovídeos. Essa espécie não faz mal.

Calev se adiantou em direção a um cogumelo branco, atraído pelo seu tamanho. O fungo tinha o tamanho de um sofá, e muito bem poderia ser, se desejasse sentar. Um passo em falso. Distraído pela massa amorfa, tropeçou numa esfera podre agarrada ao solo. Sem equilíbrio, caiu com o traseiro em um punhado de pedrinhas agudas escondidas debaixo do musgo.

Não houve tempo de gritar. Antes que a dor vibrasse em sua garganta, algo flutuou acima do nariz. Com a boca aberta,

levantou a mão para tocar o par de asas amarelas tecendo linhas ascendentes sobre seu rosto. Uma borboleta. Pensou que o toque não fosse real.

Sêneca era o menos impressionado dos quatro.

- Acho que o Apaeck aconteceu há mais tempo do que imaginamos.

Darja concordou em silêncio.

- Aqui pessoal! – disse Franco a alguns passos.

Ele estava sem máscara em meio a uma revoada de borboletas.

Sêneca saltou sobre o irmão, fazendo o livro dentro do bolso bater contra as pernas. Ao alcançá-lo, empurrou-o no chão, e pôs a

máscara com rispidez raspando a testa com a presilha.

- O que acha que está fazendo, seu idiota!

- Você viu! – respondeu, ignorando-o. – Aqui tem borboletas! Se tem borboletas, pode ter qualquer coisa.

- Franco - disse Caley. – Muita gente nunca mais voltou depois de tirar a máscara em lugares do Apaeck.

- Não temos como testar o oxigênio - concordou Darja.

Sêneca não disse aos outros, mas sabia algo a respeito do fenômeno descrito no livro de notas que explicaria os insetos. Seu pai presumiu que alguns animais, em especial as borboletas, voltariam àquela

região através de fluxos migratórios. Há muito tempo, quando iniciaram os experimentos de Mnemosine em La DINA, o fluxo do tempo começou correr diferente. Era possível que Mnemosine também tivesse retardado o alcance do Apaeck nº4. Mas ele preferiu guardar consigo o fato. Apenas bateu na cabeça do irmão e disse:

- Nós não somos borboletas.

5.

Quanto mais as crianças caminhavam, mais as montanhas pareciam distantes dos olhos, como se afundassem no horizonte coberto por nuvens. Estavam próximos do fim da campina. Uma longa faixa de terra seca antecedia um abismo, e à beira dele,

havia uma bela casa de pedra. Tinha três robustos andares, um campanário sem sino e era cercada por intermináveis grades de ferro enegrecido. Entraram por uma falha que Franco encontrou. Cruzaram o terreno encaroçado e sem tantos fungos. Subiram as escadas para o tablado de madeira, e sob a cobertura do alpendre, notaram uma gaiola pendurada em um dos pilares. A portinhola estava aberta. No interior, pequenos ossos secos cobertos por uma camada de poeira. Caley mexeu no devia ser o crânio.

- Ele podia ter saído, mas ficou aí, e morreu.

Sêneca conferiu o relógio. Os ponteiros giravam sem controle agora. Franco se

aproximou, curioso com o ruído das minúsculas engrenagens.

- Para onde está apontando?

- Para baixo. – Conferiu o mapa.

A porta da frente estava trancada. Pela janela, uma sala intocada pelo tempo. Duas poltronas novas, uma mesa de centro, um par de canecas com cordinhas de chá penduradas, quadros, mas apenas pinturas de paisagens. Nenhuma figura humana.

Sêneca encarou o próprio reflexo na vidraça suja pelos esporos. Ajoelhou-se e abriu o feixe da bota. Tinha uma chave triangular escondida na meia. Ele a meteu na fechadura. O segredo travou e o corpo da chave girou. Um zunido percorreu toda entrada. O chão vibrava, como se uma

máquina estivesse rastejando e subindo pelas paredes, até que as fissuras entre as rochas no teto desprenderam fragmentos nos seus olhos. As crianças recuaram dois passos. Calev pulou por cima das escadas do alpendre para o quintal. Uma pequena lâmpada, quase imperceptível, se acendeu acima da porta. A luz passou de vermelha a amarela... depois verde. O trinco fez um clique como se o tivessem desemperrado a armadilha de uma antiga pirâmide.

As paredes continuavam a tremer, mas Franco não se importou. Descuidado, saltou na frente de todos. Girou a maçaneta olhando para o irmão. A porta se abriu. Uma lufada de ar frio soprou sujando os visores com fuligem de papel queimado.

Atrás da porta estava o cesso a uma câmara de aço. Era bem polida, mas a superfície irregular fazia com que seus reflexos reluzissem deformados. O painel de botões à direita indicava sua possível função.

- Um elevador – disse Darja.

- Vamos ver Mnemosine.

De repente, outros ruídos metálicos ecoaram dos fundos da casa. Algo pequeno se partindo no fundo do abismo. Estalidos e zunidos de corrente elétrica, um silvo sutil como serpente. Para Calev, aparentavam o murmúrio de fantasmas. Ele girou o pescoço, buscando de onde vinha. Seus olhos pararam nas grades da frente. Suspeitou de uma sombra alta à distância da fina névoa, perto de uma guarita feita de

blocos de pedra. Achou que algo se movia, algo como uma caixa de metal subindo da terra. Uma caixa com longas pernas. Antes que pudesse avisar, as crianças entraram no elevador. Calev, apressado, apenas evitou olhar para trás.

Sêneca conferiu a última página do caderno e citou o código escrito em vermelho.

- Franco, aperte um, um, D, cinco, três.

Ele obedeceu. As portas rangeram feito uma velha ratoeira. Calev se manteve duro como uma estaca enquanto uma criatura, talvez com três pernas e uma cabeça enferrujada, não tinha certeza, se erguia atrás das grades.

Conforme desciam, sentiam cócegas no estômago. Tentaram se distrair observando os algarismos em ordem aleatória no visor. Demorou para repararem a contagem regressiva.

- Sêneca – disse Darja. - Sinto um pouco de inveja de você.

- Não sinta.

- Queria ser assim – ela apontou para o livro. - Ter certeza de que vai funcionar. Que a história termina bem.

- A história é de uma pessoa quase morta. Meu pai disse que as coisas são diferentes se ainda estivermos vivos.

- Você nunca explicou – ela disse. - Por que seu pai queria fazer isso.

Sêneca se sentia leve o suficiente para compartilhar, como um ensaio para o que estava por vir.

- Quer que eu leia?

A menina tirou uma mecha que o impedia de encarar seus olhos.

- Sim.

Ele abriu na página quatorze. A ponta estava dobrada. Ao lado da numeração da página, em letra de forma maiúscula, uma anotação:

“Quando despertardes, nunca mais ireis dormir. Erasmus Darwen”.

Ao ruído dos andares que se arrastavam atrás da porta, Sêneca leu:

- Um ponto zero. Sabia que não é possível viajar no tempo, senão

atravessando estreitos laços da memória. Isso não foi uma pergunta. Um ponto dois. É possível recordar do momento em que se começou a existir. Dois ponto zero. Como explicar a teoria da viagem no tempo através de recordações, se o cérebro não estava completamente formado? Se a mente ainda não era uma com o tecido neural? Dois ponto um. Memória é um termo geral para uma impressão de um fato qualquer em uma superfície, seja psíquica ou concreta. E entende-se por fato, o contato do objeto com seu destino, seja por escolha da mente ou não. Três ponto zero. Existem tipos diversos de memória. As afetivas são as primeiras a reter-se na mente. Mas há outros tipos de impressões mnemônicas, as

recorrentes das mutações do corpo, por exemplo, a retenção da memória nos genes. Três ponto um. Os genes guardam a memória porque possuem a substância que precede da água. Moléculas de oxigênio e hidrogênio reagem a vibrações, tanto da mente quanto da matéria. Por isso, cristais de gelo se deformam ao se aproximar de palavras como ódio, ou se harmonizam geometricamente ao toque de palavras como amor. As palavras também guardam a memória dos fluidos vibrantes de quem as escreveu. Todos os símbolos ditos ou o pensamento que os produz são guardados pelo corpo. Três ponto dois. (...) Assim como os vegetais e insetos, que também guardam registros de suas mutações, e os

deixam por herança aos descendentes. Quatro ponto zero. Logo, creio ser possível que a mente acesse experiências guardadas pelo corpo do sujeito, pois, ainda que novas células substituam as velhas, não existe nada que seja capaz de substituir a lembrança do corpo. Nem a morte. Quatro ponto um. Em humanos, há o risco de a consciência se diluir na memória material, porém, há o fator que nos faz crer que os limites da consciência sejam alargados durante o processo de retorno. O fator *anima*. Confesso. É no que eu creio.

Havia poucas lacunas de mau entendimento para o que Darja ouviu. Conseguia perceber, ou melhor, sentir as inspirações do amigo para cometer o que

ainda julgava ser loucura. Mas foi o entendimento que a levou a abrir a boca e romper os ruídos metálicos.

- De quem seu pai queria se lembrar?

Sêneca fechou o livro e a encarou.

- Ele não diz.

6.

Calev se assustou com o último movimento do elevador. A leve vibração se espalhou pelos pequenos corpos.

- Chegamos – disse Sêneca.

Antes de qualquer resposta, as portas rangeram como mandíbulas metálicas se esforçando para se abrir. As luzes de emergência se acenderam, e as paredes ficaram vermelhas, vibrantes, depois, luzes

amarelas, depois, as luzes se apagaram. Mãos geladas tocaram Sêneca, tatearam seus ombros e apertaram sua máscara.

- Droga.

- O que houve?

- Estou aqui, aqui!

- O que houve, Sêneca?

- Responda, irmão!

- A chave ficou lá em cima, na porta.

- Espere. Eu tenho uma lanterna.

A máscara de Calev projetou um feixe que refletiu no suor que cobria os rostos.

- Ilumine os botões – pediu Sêneca.

No fim do painel, havia um interruptor protegido por uma pequena vidraça. Ele o rompeu facilmente, machucando as costas da mão. Os estilhaços esfarelaram, e ao

acionar o interruptor, as portas se afrouxaram. Os meninos meteram os dedos no vão e morderam os lábios com força.

- Puxem para o outro lado.

- Acho que estou vendo luz – Franco balbuciou, sem fôlego.

- Continue. Continue!

Eles empurraram, até que uma cedeu. Darja machucou os dedos e Calev martelou a cabeça na parede.

- Estão todos bem? – Sêneca perguntou.

Ambos responderam juntos:

- Sim.

- Não.

Enquanto Franco explorava o corredor, Sêneca ajudou os dois a se levantarem e limparem os ferimentos. O corredor era

longo. Metade das lâmpadas vacilava piscando de modo intermitente. O chão, preto, os cantos cobertos por filtros de cigarro. Franco pegou um dos filtros e aproximou a ponta da máscara..

Havia uma lixeira ao lado de uma das portas. Próximo do recipiente, estavam restos de chicletes mascarados e farelos desidratados de matéria orgânica. Pendurada na maçaneta da porta, a casca de um inseto que não conseguiu identificar. Um milagre, certamente, pensou.

As crianças seguiram, Sêneca sempre à frente. Foi difícil acompanhar seus passos nervosos até o fim, mas eles o alcançaram.

Quando a última porta se abriu. Franco não conseguia esconder sua frustração.

Atrás dela, esperava encontrar uma imensa sala contendo todo tipo de aparato do que imaginava ser alta tecnologia, talvez até tecnologia alienígena: aparelhos flutuantes, cheios de botões coloridos e saídas de raios. Metais vivos, cérebros em jarras transbordando amônia. Mas a sala não era muito diferente da enfermaria da escola. Uma cadeira regulável bem acolchoada no canto, um armário contendo substâncias para assepsia, insumos, bandagens, seringas e embalagens de vidro cheias de pílulas coloridas, talvez para dor de cabeça e dor no estômago, intuiu. Uma pequena geladeira com porta de madeira. Devia ter um monte de substâncias, estragadas. A única coisa que, de fato, achou interessante

foi uma espécie de capacete preso por fios que saíam da parede. Nada que o impressionasse muito.

Sêneca tirou uma lona que cobria a cadeira e o painel ao lado. Ele tocou o nome gravado em relevo no couro. Mnemosine. Depois apoiou o livro no braço do móvel, e acionou os botões de acordo com o que lia.

Darja o observou, sem reagir.

7.

Depois de ajustar a última alavanca de voltagem, verificou cada numeração nos contadores. Seguiu passo a passo conforme estava indicado na última página do livro. Se Darja questionasse, não saberia explicar exatamente para que serviam. Por fim,

soprou o cabelo da franja que dançava na frente dos olhos e tirou a máscara. Foi a primeira vez que ela o viu sorrir em toda a viagem.

- Você perguntou o que meu pai buscava no experimento. Nós vamos saber agora.

Ela tentou segurar seu pulso em vão. Os dedos da menina amoleceram quando ele os empurrou gentilmente e se apoiou no encosto. Franco e Caley o observavam como se fosse um marujo subindo ao convés de um navio para iniciar sua última viagem.

Assim que deitou na cadeira, o encosto se reclinou e elevou o topo do crânio até o enorme capacete. As orelhas estavam

cobertas por pequenos fios. Parte da parede se abriu, como se ali estivesse escondido um compartimento de armas químicas. Um conjunto de agulhas ligado a uma série de tubos estreitos tilintaram em direção ao capacete. Com precisão, encaixaram-se todas de uma vez. As crianças não viram sua cabeça ser atravessada por mais de novecentas agulhas, pois, no mesmo instante, uma máscara retrátil se fechou sobre seu rosto. Tudo ficou preto. Os músculos do corpo de Séneca se contraíram. Artérias verdes submergiram da pele, uma quantidade infinita de raios cortando o céu de sua carne. Darja tentou segurar suas mãos, mas os dedos se uniram,

impenetráveis como uma concha. Foi a última vez que ele sentiu seu toque.

As informações dispostas nos monitores sobre o balcão de aço não significavam nada para as crianças. Não passavam de imagens verdes de medição eletrocardiológica, arcos de registros ultrassonográficos desconexos, revelações inúteis a respeito das funções de cada dobra dos miolos de Sêneca.

Estava conectado às matrizes de Mnemosine. Antes do rastro de um segundo se passar, sua mente já conhecia cada célula que compunha seu corpo. Cada molécula era igual a hieróglifos de um templo a serem decifrados. Cada mutação atômica era visível, feito bolhas de sabão gravitando

ao redor da consciência. Tudo que aconteceu, desde o momento de sua concepção. Cada momento que viera antes do presente, ele enxergava de forma simultânea.

Decidiu o primeiro passo. Retornar ao dia anterior, quando vestiu a jaqueta amarela de seu pai, antes de sua mãe despertar, e fugiu de casa com o irmão em seu encalço. Prosseguindo na jornada. Os amigos pareciam mais distantes. Não os ouvia gritando na sala. Tornou o olhar adiante, para os presentes possíveis antes de se sentar em Mnemosine. Mas nada era realmente uma experiência sua, apenas sombras que se escondiam em cada passo que não escolheu. Entre todos os destinos

possíveis, se interessou apenas por um. Nele estavam a mãe e o pai. Franco não havia nascido. Talvez não fosse nascer. Seria o único filho, ou teria outros irmãos que não eram Franco. Não tinha coragem de olhar adiante e constatar a verdade. Voltou aos pés. Estavam menores, menos distantes. Os dedos das mãos começaram a doer. A primeira vez que os queimou, quando os enfiou dentro de uma torradeira. Agora lembrava porque tinha medo de torradeiras. Outro passo. Uma vela acesa para atrair mariposas em uma noite com seu irmão. A memória era antiga. Pensou que a tivesse perdido, mas estava lá. Sua mãe dizia que mariposas confundiam as chamas da vela com a luz da Lua. Ele observava

atentamente o inseto se aproximar e queimar e cair em agonia na mesa da varanda. Outro passo. Os pés sujos de lama, um dia depois da chuva de granizo que destruíra telhados e vidraças de carros. Não havia muito desde que aprendera a correr sem cair. Brincou com os fragmentos que não tinham derretido ainda. Darja estava lá. Lina, irmã da Darja, também. Franco não, pois ainda era um bebê. Seu pai poderia estar lá, ou desejava que seu pai pudesse estar lá. Continuou. Seguiu a borboleta. Lembrou-se de sua mãe contando uma história sobre um homem sonhava que era uma borboleta. Outro. Todo verão parecia outono. Não tinha certeza se sempre foi assim. Mas a memória do sangue revelava a

verdade. Cada passo trazia as folhas por sobre as quais caminhará. Quando era pequeno o suficiente para não saber que idade tinha, pensava que, se mergulhasse nas folhas, afundaria como uma ave nas nuvens. Ele mergulhou. E agora sentia o gosto do leite materno. A cabeça macia. O perfume do travesseiro. A borboleta dançava diante de seus olhos, mas longe do alcance das mãos. O raciocínio não estava claro, mas o mundo, mais brilhante. Descobria tudo através do sabor, do toque, do calor materno. Nada possuía nome. Estava próximo da primeira luz. No último movimento, no retorno ao escuro que esconde a vida atrás das pálpebras, a borboleta retornou ao casulo, e a

consciência do que se entendia por Sêneca se apagou. Um naufrago agarrado a um mastro partido. O último gole de oxigênio de um astronauta. Flutuou através de uma crisálida. Outro. Apenas seu corpo conhecia, agora, o segredo daquilo que sempre foi e sempre seria o Sêneca de verdade. A memória de uma lagarta, perdida no corpo de uma borboleta. A semente que acolhe a vida de todas as árvores. De uma maneira que jamais saberia, experimentou o primeiro encontro do amor de seu pai com o amor de sua mãe. Ele poderia se sentir feliz, porque de fato foi um instante de amor. Ele não cessou o retorno. Quando se diluiu a consciência, voltou a ser parte de tudo que importava.

Ao passo que a memória do corpo de seu pai navegava, atravessando sua própria origem, a mãe compartilhava as manhãs que passou solitária, esperando o milho germinar nos campos estéreos. Sêneca não sabia, mas estava lá. Ela compartilhou com ele a fome que sentiu por um tempo longo demais para esquecer. Foi antes de conhecer seu pai. Ele já buscava Mnemosine. Se a consciência de Sêneca não houvesse diluído, o menino descobriria que o pai tinha o mesmo propósito: encontrar seu avô. Ele encontrou, pouco depois de Franco nascer.

As memórias se desdobraram como um lençol que se estende por toda a parte, toda parte onde há um tecido fino de tempo.

Sêneca não estava naquela sala, não da forma que podemos imaginar. No seu lugar, sentado sobre a cadeira de Mnemosine, seu pai tentava abrir os olhos e escapar das agulhas que perfuravam suas pálpebras. Ele agitou o corpo para se desvencilhar dos efeitos da codeína. Com muito esforço, alcançou o painel de controle ao lado da cadeira e tateou os botões até encontrar as chaves de energia. Ouviu o baque seco do livro de notas caindo no piso. Quando as agulhas deslizaram para fora dos nervos, o homem se arrastou pela sala, em direção ao espelho. Escalou a pia e, através da cortina feita de lágrimas e sangue, observou a imagem ainda turva se desfazendo no reflexo. Lavou o rosto e espremeu os olhos

com as costas das mãos. Não acreditava que havia voltado. Uma borboleta flutuou diante do nariz e pousou em sua testa. Ele não se moveu. Não lhe restavam forças para espantar aquele sonho.

Uma das melhores e piores sensações inerentes à escrita é um parágrafo feito num só fôlego por uma ou duas horas e, logo depois, a insônia que nos acompanha o nascer do outro dia. Se você chegou até aqui, saiba que foi assim que aconteceu. Mas não por culpa minha: culpem a Lucas pelo delírio, pois foi ele que sempre me incentivou a escrever com o estilo

entusiasmado, intenso, um estilo com que escrevi um livro que provavelmente nunca vou terminar chamado *Estradas*. Eu duvido da qualidade de *Estradas*, mas, em Mnemosine, me apoiei na confiança que meu caro amigo depositou e me deixei escrever em um fôlego só, mais uma vez. Não sei o quanto ficou a contento. É provável que ainda retorne a ela para corrigi-la, mas, não posso escapar do quanto é prazeroso escrever assim. Deixar o destino e a vontade brigarem pelas palavras que descem das minhas mãos ao papel. Sem culpa.

FILEBO 4.0

Gabriel Sant'Ana

I. O Real da Vida

Como tantos outros acontecimentos banais de uma vida cotidiana, uma ida ao mercado pode ser ocasião para os mais variados tipos de reação, desde a mais apática resignação e obediência à tarefa obrigatória para possibilitar um mínimo de futuro previamente estipulado pelas validades, até as mais sofríveis demonstrações de irritação, ira, nervosismo, impaciência diante de uma fila enorme composta de outros carrinhos entupidos,

alguns dos quais sendo acompanhados por duas pequenas crianças, por volta dos seus cinco ou sete anos, agitadas pela demora, abrindo, por ordens de alguém que parece ser seu responsável, um pacote de biscoito recheado e um iogurte. Possivelmente o horário do almoço estava mais do que passado.

E começa a ganhar corpo uma onda de burburinhos de reclamação pela demora do funcionário que possui uma indicação no peito: *em treinamento*. É possível que se ouça alguém aplicar a máxima: *na vida teremos sofrimentos e tudo nesta vida é para nosso aprendizado*.

Mas, em muitos casos, o aprendizado ao longo da vida não ganha concretude, forma.

E, suspeitamos, nem mesmo o aprendizado formalizado em anos de cadernos, anotações, xerox, avaliações, monografias, artigos, rascunhos, conversas, orientações seja imune ao esquecimento, ruindo assim qualquer aparência de concretude veiculada por papéis timbrados, fotos, ou quaisquer outras formas.

Retornemos, então, ao ato desse desconhecido na fila: ele aplica a máxima à situação estressante para muitos, não para ele mesmo. Muitos ali na fila, e também os que não estavam nela mas apenas passavam por aquele corredor para pegar óleo, têm uma reação que beira o deboche. Assim se desencadeia um tenso diálogo entre um

homem da fila e esse alguém.
Acompanhemos.

O homem da fila: Mas que papo é esse de que tudo na vida é aprendido? E que historinha é essa de sofrimento? Quem é você pra me afrontar nesse momento tão conturbado? Já estou há mais de meia hora na fila, e tenho daqui a alguns minutos uma reunião do trabalho pela plataforma... Pelo jeito não poderei participar... E isso vai gerar algum tipo de prejuízo... talvez um desconto no salário... Mas de acordo com você, isso tudo deve ser encarado como um aprendizado... Pra mim isso tudo não passa do resultado da falta de competência dos outros.

Desconhecido: Eu sou ninguém, pode me chamar de Desconhecido. Longe de mim afrontar você! Na verdade, o que fiz foi simplesmente me intrometer ao acaso nessa situação tão comum, e que provavelmente está se repetindo em outro mercado longe daqui. Olhe aqui esta notificação. Não recebo uma dessas há quase um mês... Ela surgiu quando eu passava na calçada deste mercado, e me fez desviar do caminho da farmácia.. *(retirando do bolso da calça o celular, desbloqueando a tela, mostrando-lhe o histórico de notificações, em movimento vertical para baixo com o dedo, chegando, enfim, à notificação em vermelho: Treinamento)*

O homem da fila: Ah! Que providencial!
Mas me parece que você abordou a pessoa errada! Preste bem atenção em quem está em treinamento... Acho que você deve estar ficando cego!

Desconhecido: Acho que é outra pessoa que já não enxerga... Mas me acompanhe na questão não muito evidente aqui colocada.

O homem da fila: Aqui está tudo muito evidente! Aquele rapaz do caixa, que está em treinamento... talvez não tenha nem um mês completo de serviço... pela sua demora em registrar os produtos, está causando todo esse transtorno.

Assim que termina de falar, outras pessoas na fila confirmam o mesmo. E tomado de um fôlego repentino, Desconhecido coloca a questão.

Desconhecido: Entendo... Mas o que é menos de um mês no serviço comparado a quase quarenta anos na vida?

Com essa analogia truncada posta, devemos nos aliar ao nosso homem da fila e perguntar com ele:

O homem da fila: O que você quer dizer com isso? A quem você está se referindo sobre a idade de quase quarenta anos?

Desconhecido: Parece que você já sabe a resposta.

O homem da fila: E como você sabe disso?

Desconhecido: Isso você já deve saber... são informações... dados que as pessoas, inclusive você, compartilham em suas diversas redes, e também as empresas com as quais elas se relacionam ou se relacionaram. E a tudo isso meu perfil neste aplicativo tem acesso. Mas quem está fazendo as perguntas sou eu, e não você. Vamos continuar assim?

O homem da fila: E que tipo de aplicativo é esse? E por que você tem acesso a essas coisas?

Desconhecido: Se eu fosse lhe responder isso, deveria ser outra história, e não esta em que estamos... Então vou repetir a minha pergunta: o que é menos de um mês no serviço comparado a quase quarenta anos na vida?

E continuamos a não compreender o sentido dela.

O homem da fila: Me explique o sentido dessa pergunta...

Desconhecido: Arrisque ao menos uma resposta!

O homem da fila: Você só pode estar trabalhando para o mercado... tirando minha atenção desse mal serviço do funcionário

recém-contratado. Mas você não vai mudar minha intenção de atribuir uma nota baixa na avaliação do serviço quando finalizar as minhas compras... *(e outras pessoas na fila confirmam o mesmo)*. Tá bom! Vou entrar nesse seu joguinho. Pelo jeito não vou sair daqui tão cedo! Vejam! O rapaz acionou a luzinha vermelha... deve ter tido algum outro problema... Então você está fazendo uma distinção entre o tempo de serviço e o tempo de vida, certo? Mas eu queria saber onde entra a idade dessa pessoa de quase quarenta anos...

Desconhecido: Correto! E você concorda comigo que existe uma diferença entre o tempo de serviço e o tempo de vida?

O homem da fila: Ai... tá bom... tenho que concordar, sim... (*algumas pessoas próximas também acenaram afirmativamente*).

Desconhecido: Agora, por que você não se pergunta como ou por que você pode emitir algum julgamento sobre o serviço de alguém em treinamento, mas não se questiona sobre a sua própria vida?

O homem da fila: Como? Mas são coisas completamente diferentes... Todos aqui concordam comigo que aquele rapaz em treinamento está prejudicando a nós todos... Droga! (*ouve-se um barulhinho de celular*) Já veio uma mensagem com o link para a reunião...

Desconhecido: Uhm... agora é o seu serviço que não parece estar bem... Muito parecido com o caso do rapaz em treinamento...

O homem da fila: Discordo de você! O que você mais uma vez está querendo insinuar? Eu não tenho culpa por não poder participar da reunião, não vou repetir o motivo! Se você continuar com esse tipo de insinuação, vou ser obrigado a parar de conversar com você!

Desconhecido: Mas não estou insinuando nada! O que faço é dizer as coisas e tentar fazer com que as pessoas compreendam as relações imbricadas entre as coisas. E pelo jeito, você ou não quer entender ou finge não entender ou realmente não entende.

Mas tente separar a sua vida do seu trabalho. Você está no mesmo trabalho esse tempo todo? Há quanto tempo você trabalha? Quais mudanças você percebe terem ocorrido no modo como o trabalho é feito? E a sua vida? Como ela tem sido vivida e sido influenciada pelo seu trabalho? Talvez nada impediria que você clicasse no link da reunião e dela participasse, a não ser que exista alguma regra que impeça isso, que impeça que você, estando em um supermercado, participe da reunião, ou ainda, estando em qualquer local público, não participe. Mas não quero entrar nesse problema. E como você mesmo disse, a sua intenção de avaliar negativamente o serviço do rapaz em

treinamento irá permanecer inalterada, então talvez você precise se lembrar que também ele avalia os clientes. E no seu trabalho? Você é avaliado? Mas não precisa me responder, pois já acessei suas informações, e sei que seu *score* não está muito bom. E a ironia, no *seu* caso, é que você não está em treinamento...

Diante de tal evidência, não há como continuarmos concordando com a decisão do homem da fila em avaliar negativamente o rapaz em treinamento. E ao que parece, também as pessoas da fila começam a reavaliar as suas próprias convicções. Uma delas solta a seguinte frase: “Quem não tem teto de vidro que atire a primeira pedra”!

Ele aparenta ficar envergonhado, mas não se dá por vencido:

O homem da fila: Realmente! Quem nesta vida não tem teto de vidro?

Desconhecido: Não precisamos ficar com os nervos à flor da pele! O objetivo maior aqui é acabar com as engrenagens da irritação e as suas consequências! Se não nos esforçarmos por compreender de forma racional por que ocorre a irritação e também que tudo, de *alguma* forma, está inter-relacionado na vida, *toda* a nossa vida não terá nenhum valor. Não quero dizer que iremos acabar completamente com a irritação em nossa vida. Mas aprendendo a compreender como cada um de nós percebe

as relações imbricadas em nossa vida e aprendendo a escolher como reagir ao que nos acontece, poderemos levar nossos dias de forma menos desequilibrada.

O homem da fila: Que belas palavras as suas! Aonde você está querendo chegar com elas? Pois o que você acaba de falar já ouvi em muitos vídeos pelas redes. Inclusive, em *muitos* deles, ao final, tem a venda de algum curso intensivo, bastando que cliquemos no link que nos direciona para a página do referido curso, que não costuma ser barato. E aí precisamos preencher uma ficha de cadastro e, normalmente precisamos, antes, subscrever nosso e-mail... Fala logo que curso ou e-book você quer nos vender!

Reconhecemos que, neste momento, o homem da fila parece ter conseguido revelar o propósito das insinuações do Desconhecido. Muitos da fila inclusive mudam a feição. Os olhares ficam incisivos, sendo desnecessária qualquer acusação ou pergunta. Realmente, devemos concordar com o homem da fila, o Desconhecido, falando daquele jeito, muito se aproxima de certas pessoas que vendem cursos e livros de desenvolvimento pessoal. A fila, enquanto se travava esse diálogo, sem que as pessoas percebessem, fluiu um pouco, mas não muito, pois muitos carrinhos estão abarrotados. As crianças, que há minutos, comeram biscoito recheado

e iogurte, agora estão correndo, brincando de pique-pega, e com barras de chocolate nas mãos, quase terminando o doce.

Uma das pessoas também investe contra o Desconhecido: Desembucha logo, farsante!



II. Uma técnica antiga

Mesmo sendo pressionado, o Desconhecido não mostra qualquer sinal de incômodo ou medo. Seu olhar permanece tranquilo. Ao que parece, as suas palavras refletem o que ele acredita. Mas não qualquer crença, é mais do que acreditar, é uma forte convicção, quase uma ideia fixa

que costumamos ter e que nos determina a fazer o que fazemos sem pestanejar.

Desconhecido: Compreendo
perfeitamente a desconfiança de todos
vocês. Meu intento não é ganhar dinheiro
com isso, diferentemente desses sofistas
digitais... E você tem toda razão quando
afirma que eu tenha algo a oferecer! Hoje
em dia, posso afirmar, os diários pessoais
caíram no esquecimento. Temos então uma
enorme quantidade de agendas digitais ou
aplicativos aparentados a agendas que
servem, basicamente, para o usuário
preencher, de acordo com o dia, mês e ano,
seus afazeres, sejam pessoais ou não.

O homem da fila: Sim. Disso todos sabemos! Eu mesmo uso alguns desses aplicativos. Por falar nisso... neste exato momento um deles está me notificando... *(novamente um barulhinho de celular)* É que eu preciso beber água... Daqui a meia hora outro irá me lembrar de um medicamento...

Desconhecido: Sim! Sei disso... Mas voltando, existe um grande problema no uso desse tipo de ferramentas sem a devida crítica. A questão que coloco é a seguinte: a vida é feita apenas de tarefas a serem executadas? Me parece que, apesar de todo o desenvolvimento técnico atual, permanecemos com alguns problemas que remontam aos séculos anteriores...

Neste momento, devemos confessar, o Desconhecido nos deixou a todos desarmados.

Desconhecido: Por exemplo... questões como o sentido da vida, por que existirem as coisas e nós mesmos, por que escolher x e não y, dentre outras, permanecem, e ousa afirmar, se intensificam. E por causa disso e outros motivos que não vêm ao caso, foi criado o aplicativo *Filebo 4.0*.

Um das pessoas: Mais um aplicativo pra acabar com o espaço da memória do celular!

Desconhecido: Garanto que o aplicativo não vai ocupar muito espaço do seu celular.

Se não quiserem baixar o aplicativo, é possível acessar o site do *Filebo 4.0* e se cadastrarem por uma das redes que vocês mais usam. Essas questões mais técnicas vocês mesmos depois podem se informar no site... A nossa questão aqui é a ideia, o motivo desse aplicativo.

O homem da fila: Me parece, devo confessar, que você é diferente mesmo dos outros...

Desconhecido: Não precisa dizer nada sobre mim... Eu mesmo não importo, porque aquilo que sou se deve muito ao que os outros são e às escolhas que fazemos. E quanto mais compreendemos, melhor se torna a nossa capacidade de propagação pelo *Filebo*.

Outra pessoa: Como assim?

Desconhecido: Vou explicar melhor...
Como estava falando, algumas questões essenciais sobre a vida permanecem ainda hoje. E algumas, para não dizer todas, algumas ferramentas digitais disponíveis hoje não conseguem suprir as necessidades mais profundas do humano. Mas pesquisando no tão mal compreendido blog *Fontes antigas*, foi encontrado um livro digitalizado. Uma verdadeira raridade! E o tema desse livro continua a nos intrigar até hoje, e se relaciona com o que eu estava desde o início falando com vocês, ou melhor, provocando vocês.

Outra pessoa: Mas que livro é esse e quem escreveu ele?

Desconhecido: O nome do livro é o nome dado ao aplicativo. Mas não vou dizer mais nada sobre o livro. Deixo a vocês a curiosidade para pesquisar mais. E, principalmente, entrar no site ou baixar o aplicativo. Mas posso falar brevemente sobre uma técnica antiga sugerida no livro e que utilizamos, com as devidas modificações, no aplicativo.

Várias pessoas: Por favor! É o que todos queremos!

Desconhecido: Essa técnica antiga é escrever diálogos. Agora estamos dialogando de maneira oral. Mas nada impede que eu ou você ou você depois que sair daqui, chegando em casa, se coloque diante do computador ou mesmo agora

abrindo o celular e refaça toda a história que estamos fazendo até agora. No caso dos diálogos escritos antigos, o seu objetivo não era jogar conversa fora, mas ao dialogar sobre um tema essencial do humano, ir construindo um saber que modificaria o próprio modo de viver. Se vocês não sabem, tentaram, em séculos passados, implementar esse tipo de técnica nas escolas, mas não surtiu muito efeito. Ou melhor, o efeito que isso provocava não era muito bem visto por certos setores da sociedade...

O homem da fila: Você mencionando isso me fez lembrar o que meus tios me contavam sobre a época em que eles iam pra escola... Realmente, na minha época de

aluno, essa técnica não era mais utilizada... acho que um decreto proibiu seu uso em escolas...

Desconhecido: A proibição era restrita às escolas, e não ao uso pessoal fora delas, compreendem?

Sem perceberem, a fila havia diminuído consideravelmente. E o próximo a colocar as compras a serem registradas é o homem da fila. Pouquíssimos minutos passaram sem notarmos. Ele mesmo fica impressionado, e também o Desconhecido, o que surpreende a todos os que participavam da conversa. Enquanto as compras iam sendo registradas, o homem

da fila digita algo no celular, sem perceber que agora deveria realizar o pagamento.

O rapaz em treinamento: Senhor...
senhor...

O homem da fila: Ah... (*virando-se para o Desconhecido*) pode continuar a falar...

Desconhecido:- Mas não era eu quem te chamava... observe melhor...

O rapaz em treinamento: Senhor... aqui, senhor... Como o senhor estava ocupado, não quis interrompê-lo...O senhor irá pagar com dinheiro ou cartão? E quero pedir mil desculpas pela minha demora. Ainda vou fazer uma semana neste trabalho e estou me ambientando com esse sistema...

O homem da fila recebe os olhares de todos os que estavam na conversa, ansiosos aguardando qual resposta iria dar ao jovem em treinamento.

O homem da fila: Vou usar o cartão... Ah, sei bem como é iniciar no trabalho, ir aprendendo a usar um sistema... não é nada fácil mesmo, mas aos poucos a gente vai conseguindo... Não desanima e continue firme!

O rapaz em treinamento: Muito obrigado, pela força! Não são todos os clientes que entendem as nossas dificuldades... Ah, e não se esqueça de me avaliar, acessando o código na nota fiscal. E pode deixar que a

minha avaliação do senhor será boa! Tenha um bom dia!

Desconhecido: Me parece que os rumos da vida podem mudar e serem melhores que antes, não é? E não esquece de dar uma olhada no *Filebo*, compreender melhor o objetivo dele, seus recursos, e quem sabe começar a usá-lo ainda hoje!

III. Rascunho...salvando...

Ir ao mercado fazer compras é um acontecimento banal da vida cotidiana, como tantos outros como escovar os dentes ou temperar o feijão. Mas quando eu vi o tamanho das filas, como qualquer pessoa se

sentiria, uma irritação foi tomando conta do meu corpo e da minha mente, estava marcada uma reunião do trabalho e, provavelmente, eu não conseguiria participar dela...



HOTEL 1995

S.

1.

Chego à porta da loja às oito e quarenta e dois da manhã. Espero trinta segundos para entrar, tempo que o dono demora para sair em direção ao banco fazer um depósito de dezessete mil quinhentos e vinte reais. Ele não pode me ver, ou horas mais tarde vai me reconhecer e tentar puxar conversa, quebrando o cronograma. Viro para uma vitrine próxima. Quando o sino da porta toca, corro para abri-la novamente, indicando minha chegada para Penélope, que levanta os olhos do seu livro e me

encara por dois segundos. É a primeira vez que nos vemos. Se o sino não toca, ela não percebe minha chegada quando eu entro na loja. Toma um susto quando me vê perto do balcão e fica apreensiva. A impressão ruim é retomada no almoço, quando me encontra no restaurante e, depois, já é tarde demais para manter o cronograma. Penélope não é uma menina que se deixe apressar. Não importa quanto tempo passe, esses dois segundos sempre têm a duração de um verão de infância, tempo mítico, divino. Um segundo a mais e o encanto se quebra, ela baixa os olhos, mas levanta em seguida para checar se eu continuo olhando. Se eu continuar ela acha que eu sou uma espécie de pervertido e aumenta a apreensão.

Quando me vê no restaurante, pensa que eu a estou seguindo e pede que o Bruno a acompanhe até em casa. Caminho fechado a partir desse ponto, qualquer tentativa de aproximação é bloqueada. Mantenho os dois justos segundos de olhar, depois desloco os olhos para os produtos turísticos de Santa Maria da Serra e me dirijo especificamente até os panos de prato bordados com animais de fazenda. Escolho três variados, para levar sua curiosidade de por que um garoto como eu estaria tão preocupado com a cozinha. Na hora de levantar, há um vaso decorado com o nome Santa Maria da Serra na terceira prateleira que eu preciso derrubar, mas também preciso pegá-lo antes que caia no chão.

Tenho certeza que haveria outras formas de fazê-la rir, mas aquela me foi dada pelo acaso e funcionava com perfeição: eu, com três panos de prato em um braço, solto um pequeno grito de susto ao esbarrar no vaso, e me contorço para garantir que ele não caia, terminando em uma posição ridícula suspirando de alívio. Do caixa vem um riso contido terminando em uma pequena fungada de nariz. Eu levanto o rosto em sua direção e ela não desvia o olhar, fica ali me encarando como se eu fosse a coisa mais interessante do mundo. É nesse ponto que eu me apaixono.

2.

- Eu não compro essa parada das catorze horas e quinze minutos, saca, Indra? É muito redondo, não acha não? Os caras descobrem uma fenda e ela dura um tempo certinho desses? Nada de uns segundos quebrados para dificultar?

Dayo dá uma grande mordida em seu sanduíche de creme animal defumado e as palavras em sua boca vão se misturando à saliva e ao pão. Aproveito o silêncio raro encontrado para olhar pela vidraça para o grande vão central de Arcosanti. As pessoas são apenas pontos mínimos do outro lado, olhando pela mesma vidraça e vendo a mim também como um detalhe de paisagem. É estranho pensar que para a maior parte das

pessoas, nós nem sequer existimos de verdade, somos apenas pano de fundo, vultos...

- Às vezes é a obviedade que revela a verdade, eu acho. Pensa bem: com uma equipe de marketing como a da Merriton, eles não teriam pensado em oferecer um número quebrado se fosse plenamente aleatório? E se você parar pra pensar, quantos fenômenos naturais não são estranhamente precisos... redondos?

As palavras vão abrindo caminho pela garganta ocupada. Perco o começo da frase até que elas acham a saída e correm em minha direção ainda acompanhadas por restos de comida:

- Mas aí que tá o grande golpe. Eles sabem um cara inteligente pensaria isso e já levam em conta a sua resposta, colocando algo falsamente óbvio para garantir que esteja acima de qualquer suspeita. Não da minha, Merriton, não da minha. Esse número é calculado que nem dose de g-black: o suficiente para te viciar, mas te deixando funcional pra trabalhar e continuar comprando. A gente sempre escapou do vício químico e acabou preso nesse esquema, que é muito mais caro que destruir a cabeça com restos industriais sabor amora. O que você faz com as catorze horas? Você começa a arquitetar alguma coisa, está chegando em algum ponto e o

tempo acaba. E sempre começamos do zero de novo.

Chega a minha infusão. O aroma da camomila me lembra à infância. Vejo aquela silhueta materna trazendo a xícara, os chinelos arrastando no chão. Ainda que as palavras tenham erodido na minha memória, ainda consigo enxergar a cor da voz, um lavanda suave, acolhedor.

- Não começamos exatamente do zero. Temos informação. Você precisa concordar comigo que isso muda a situação. O controle do cenário é outro quando você guarda segredos pessoais. Sabe senhas, talvez. Tem ideia do que dá pra falar, que atos tomar. Eu até gosto da ideia da repetição. Eu sinto... sei lá... que eu estou

no controle das coisas pra variar. É como aquilo da criança assistir a mesma história várias vezes seguidas, decorar as falas...

Um senhor a três mesas de distância tosse forte. As pessoas ao redor giram as cabeças em sua direção como se compartilhassem todas de uma mesma mente coletiva. Ele persiste, tentando convencer a todos que era apenas um engasgo. As pessoas colocam suas máscaras para garantir.

A conversa perde o gosto na voz filtrada. É como interagir com os bots do governo na hora de atualizar o id. Prefiro ficar quieto, brincando com o biscoito achocolatado no prato. Lembrando-me dela.

O senhor por fim desiste de permanecer no local. Registra o pagamento e se dirige para a porta praguejando contra o público antipático. São necessários alguns minutos até que comecemos a tirar as máscaras. Dayo se distrai na exuberante flora do vão central, vendo, entre a imensidão verde, um casal de canários igualmente distraídos com a fauna exuberante de humanos que nós somos:

- Você... Eles realmente vão... você sabe, é... fechar? Deve ser golpe comercial... É golpe comercial... Mas e... e se fechar mesmo?

3.

Esse é o ponto nevrálgico do dia. Calor. A cidade fervendo, se aglomerando ao cheiro do torresmo no Panelão de Barro. Falhar aqui é fechar os caminhos. Na maior parte das vezes, quando eu erro aqui, eu aproveito o resto do tempo para levantar informações relevantes. A parte mais difícil é ter que memorizar. É uma habilidade quase tão útil quanto acender fogueiras lá em Arcosanti. Nunca imaginei que fosse precisar tanto da memória. Mas a regra é clara, só o que veio volta. Nada mais. Nunca.

Motoristas de excursão guiam os idosos turistas pelos pratos típicos enquanto os lugarejos trocam fofocas entre as mesas

cheias de crianças, leite e risadas. Quando eu vejo o Kauê entrar no restaurante sobe-me um furor vulcânico. Eu já nem consigo mais ter raiva dele, só de mim por falhar em tarefas simples, repetidas à exaustão. Eu não tenho mais créditos para voltar no Hotel até o mês virar e eu erro na parte mais fundamental do cronograma. Quando o Kauê está aqui, ele senta com a Penélope e os dois se tornam uma fortaleza inexpugnável. Eu odeio ter que usar o plano reserva.

Antes de encontrar a garota, eu tropeço e sujo sua roupa de calda de pudim de leite. Kauê adora os turistas e não encrenca comigo. Mas não pode aparecer na mesa dela todo melado desse jeito, não se ele

quer ficar encostadinho nela, trocando segredos, sorrisos de cumplicidade. Fecho meus punhos com força e me forço a dizer pra ele me acompanhar ao banheiro que eu ajudo a limpar.

Foram precisas três viagens para que eu definisse com exatidão a rota que impede que Penélope o visualize. Ela estranha quando o vê de longe e depois ele desaparece, põe-se a perguntar no restaurante e lá se vai o momento chave. Caminhamos por trás da mesa dos velhinhos da excursão e peço que ele espere um segundo enquanto limpo minha mão com um guardanapo. O cozinheiro imenso vai trazendo mais um famoso panelão de barro cheio de feijão tropeiro e eclipsa a

visão de Penélope, permitindo trajeto seguro ao banheiro.

Em uma das viagens perdidas eu fui conhecer a casa do Kauê. Eu segurava a ânsia de vômito cada vez que ouvia seu sotaque litorâneo artificial, essa tentativa estúpida de parecer descolado. Levou-me até uma casa perto da estrada principal, filho de um casal de idosos, sempre fez o que quis da vida. O quarto dele é coberto de papéis grudados na parede com nomes de banda e fotos de motos. Ele ama motos. Seu sonho é ter uma Harley-Davidson, diz ele imitando a pegada do guidão e a cara de mau. Estar ali representava para mim a injustiça da vida: todos os meus esforços e eu nunca chegara perto do quarto de

Penélope, enquanto, na primeira tentativa, entro sem dificuldade no dele. É claro que eu sempre poderia invadir o quarto dela, a casa passa o dia vazia, a família toda na loja de suvenires. Mas é preciso estabelecer certas regras. Uma questão de respeito. Ou acabamos como os da barbárie, que dão a fama que hoje os hóspedes do hotel têm em Arcosanti.

- Desculpa pela camisa, irmão. A calda é difícil de tirar, né? Usa esse papel molhado aqui...

- Que isso, brother, relaxa, minha mãe tira essa mancha ligeiro ligeiro. Turista, né?

- De passagem. Procurando umas cachoeiras aí.

- Sinistro...

- Eu me distraí porque acho que deixei a chave da moto na ignição.

- Moto é, pô, me amarro. Mas não esquento que aqui não é que nem na capital, não, pode deixar lá que ninguém mexe não. Mas, vem cá, é que moto?

- Essa é a questão, eu vim pela estrada, saca? É uma Harley, chama a atenção...

Leio mentalmente o script de um filme B rememorando as falas certas para fazer Kauê me seguir. Quer ver a moto. Seus olhos brilham. Saímos pela porta dos fundos, que dá para o estacionamento do restaurante. “Atrás daquele ônibus de viagem, ali”. Ele me segue. Eu acerto sua cabeça com uma pá de construção que sempre deixo à disposição durante os

preparativos para o almoço. Sou obrigado a isso. Ele cai como um boneco de pano. Precisei de algumas vezes até encontrar a melhor forma de me livrar temporariamente de Kauê. Na primeira vez acertei forte demais, abri a cabeça e cancelei meus planos pra levar ele pro hospital, me recuso a ser um assassino. Em outra, superestimeei o tempo de desmaio e ele me surrou enquanto eu conversava com Penélope ainda no restaurante – foi meu maior dano colateral em viagens, precisei de cirurgia dental em Arcosanti. Mesmo deixando ele amarrado na floresta, o desgraçado encontrava um jeito de se livrar e me caçar na cidade junto da polícia. Foi quando me bateu a ideia perfeita: escondo-o no fundo

do compartimento de carga do ônibus de viagem. O ônibus parte em quinze minutos. Ele acorda em meia hora, já na estrada, o motor barulhento impede que alguém ouça. Ele passa as próximas oito horas preso ali. Depois eu ligo para a empresa e peço para avisar. Garanto que ele fique bem, mas longe do meu caminho.

Retorno ao restaurante. Estou suado, não é o melhor dos cenários, mas Penélope é tolerante. Corro para a fila, pego meu prato, coloco um pouco de cada comida – é crucial para que ela vá me explicando os ingredientes enquanto nossos joelhos se tocam por debaixo da mesa – e me posiciono no local exato: há duas mesas de distância, em pé, olhando para os lados

desolado pela falta de mesas vazias. Dirijome penosamente na direção da mesa ao lado da sua, com dois homens brutos gesticulando, como se, resignado, fosse pedir para dividir o espaço com eles. O coração enorme de Penélope se compadece e ouço sua voz pela primeira vez:

- Ei... ei... psiu! Você é o menino do pano de prato, né? Pode sentar aqui, daqui a pouco eu já saio.

E o risinho novamente. Conversaremos por uma hora. O jeito com que ela aborda os assuntos faz com que qualquer tema seja maravilhoso. Falamos sobre alecrim, joaninhas e tipos de careca. Rimos. Agora é o momento central, mais importante. Todo o restaurante se apaga e só fica diante de

mim seu rosto pastoril, pertencente a um passado distante e idílico que eu não posso fazer mais que espreitar:

- Eu... – sempre é difícil essa parte para mim – eu queria... saber se você... é que eu queria conhecer o orquidário mais tarde... e... como você é daqui...

Ela não me espera terminar. Levanta com ares de início de férias e vai dizendo que me encontra lá às dezoito horas, que vai ser divertido. Eu sei que vai. Acompanho ainda seus movimentos enquanto ela se despede de metade do restaurante e se dirige até a porta. Nem toquei minha comida ainda. Na saída, olha uma última vez para dentro, tentando me encontrar, mas na confusão de gente do restaurante, não

consegue. Assim, a vejo como quem vê um quadro, com seu olhar perdido no horizonte na tela. Sempre é divertido, Penélope. Mas sempre acaba.



4.

- ... e, cara, vou te dizer, eu ando assustado com esses relatos dos fóruns. Desde que vazou a informação do encerramento, a galera da barbárie tá se multiplicando. O próprio Sheran e o Najib se renderam, cara. Eu vi eles lá pedindo dicas dos melhores pontos pra barbarizar com segurança. Os caras dão tutorial de como lurar quase todas as meninas da cid...

Só de pensar na possibilidade. De saber que alguém mais achou a Penélope. Não. Eu não consigo imaginar, cogitar isso. Talvez por isso eu nunca tive coragem de ler nada sobre a experiência dos outros. Mas ela é quase invisível. Ninguém entra na loja de suvenires. E mesmo se entrar,

difícilmente percebe a menina simples lá no fundo da loja. Ela passa o dia escondida lá. Quando eu não consigo convidá-la ao orquidário, o Bruno passa lá e deixa-a em casa de bicicleta, santo Bruno. Pouca gente arriscaria algo assim. Esses degenerados voam para o colégio de freiras assim que entram. Os mais preguiçosos roubam um carro e correm até o motel da estrada. Dayo me disse que tem até tutorial de como fazer pra chegar na capital nesse tempo, mas que é coisa que só hóspede muito profissional consegue – é preciso decorar mais de 20 páginas de script e não errar um movimento. São tantas opções que ninguém repararia nela. Mas há sempre o acaso e

isso é suficiente para me fazer arder de raiva.

- NEM MENCIONA ESSES LIXOS PERTO DE MIM – A fila pra entrar no hotel me olha enquanto minha voz ecoa no saguão de espera.

- Abaixa a voz, porra, tá doido. Esses caras estão acostumados a fazer isso lá, quem garante que eles não vão fazer isso aqui também com alguém que resolve xingar eles? – Dayo sorri para o empresário mal encarado atrás de nós na fila. É o tipo que leva a camareira para o porão para arrancar os dentes dela com um alicate.

- Eu não gosto dos fóruns. Acho que é roubo. Não é sua experiência. Você não se esforçou para ter direito àquele cenário.

Você me disse que um dos hóspedes mais populares do Ego é o que dá o tutorial completo de como levar a filha do prefeito pra cama e ter vinte mil reais na bolsa. Esses caras mal conhecem a Suzana. Isso é estupro pra mim.

A palavra causa desconforto na fila. Ele mesmo fica com um gosto amargo na boca. É sempre um tabu falar dessas coisas no saguão do hotel. Mas ninguém pode fazer mais que olhar feio e suspirar forte para mostrar desagrado. O controle de violência de Arcosanti é implacável. Você ergue a mão contra um morador e em quinze minutos um funcionário de relações públicas chega acompanhado de dois seguranças. Sem um bom advogado ou

muito dinheiro, você acaba na reabilitação por uns anos, tendo que passar o dia entre aquarela, ioga, dieta equilibrada e terapia. Tem gente que prefere derreter os miolos com g-black.

- Cara, se você quer entrar nesse assunto, vou te confessar que eu não sei se o que a gente faz é tão diferente assim. Você sabe que as informações que você usa com uma Penélope foram tiradas de outra Penélope, né? Você pode conhecer a garota super bem, mas pra ela, cara, é a primeira vez e última vez na vida que ela vai te ver... Fora os outros colaterais... Consegue garantir que nunca causou preju pra ninguém? Que nunca, sei lá, matou ninguém por acidente? Fez alguém ser

atropelado? O que que tu me diz dos Kauãs? Ainda que você nunca tenha matado ele – e eu nem sei se tu pode garantir isso depois daquela pazada –, tu não acha que pode ter deixado dezenas de Penélopes idealizando um Indra que nunca vai voltar a aparecer e cortado completamente as chances do cara conquistar o grande amor da vida dele?

Dayo se aproveita da minha amizade. Ele sabe que, aqui fora pelo menos, eu só tenho ele. Mesmo nos coworkings, se não fosse ele trocando piada comigo, trazendo um Focus pra manter o ritmo de programação, não sei se eu já não teria acabado eu mesmo em algum centro de

reabilitação. Ainda assim, mencionar Kauã e amor é um golpe baixo.

- O Kauã é um imbecil. Que ele não mereça morrer não significa que eu tenha a menor simpatia por ele. A Penélope vai encontrar alguém melhor no futuro, eu tenho certeza.

- Você não quer dizer encontrar alguém melhor no passado? – ele interrompe e ri zombeteiro – Cara, a verdade é que a gente e o resto do @hotelético se ilude. A gente faz campanha pela conscientização das vidas, mas ninguém dá a mínima pros caminhos alternativos deixados pra trás, pra maioria é como dar load num jogo. Pra maioria isso é só outro jogo, cara. E agora a ilusão tá caindo. A debandada do Sheran e

do Najib da moderação indica bem isso, um monte de gente vai seguir eles. O sangue vai jorrar de cada canto de Santa Maria da Serra e a gente não pode fazer muita coisa por eles.

A imagem me vem forte à cabeça. Vejo a pobre tia Nilce das compotas, o Cézinha da Viola, até a Toinha, a vira-lata mais bem quista da cidade, todos compondo uma grande pilha de corpos na praça da igreja. Vem-me uma vertigem forte. Dayo precisa me dar apoio. Está chegando a nossa vez.

- Eles... eles já deram alguma data?

- Nenhuma certa, mas dizem que até o fim do ano a fresta vai ter fechado completamente e, pelo menos, um mês

antes já não vai ser seguro mandar gente pra lá mais.

Eu sei da notícia de fechamento há um tempo. Há um tempo eu tenho uma fantasia: eu suborno as pessoas certas e me deixam entrar uma última vez em um momento de instabilidade; faço um cronograma impecável, dourado; acabamos o passeio no orquidário e eu a deixo na porta; o relógio marca vinte duas e dez; Penélope entra em casa depois de me dar um beijo longo, que termina e recomeça duas vezes, pontuado por um estalo gentil de lábios e encerrado por um sorriso agridoce de última vez; o relógio marca vinte duas e quinze; eu caminho até um ponto deserto para o retorno; vinte duas e

dezoito; sou todo suspense; vejo pela primeira vez o marcador chegar a vinte duas e dezenove; a fresta fechou e eu fiquei em Santa Maria da Serra.

Minha vez na fila chega sem eu perceber. Dayo me empurra até a bilheteria. É a minha última visita do mês. Uma das últimas que eu poderei fazer antes do encerramento.

5.

Arcosanti é um milagre arquitetônico capaz de sustentar uma metrópole entre quatro paredes – milhares de placas de contenção em nanomateriais, para ser mais preciso, mas a expressão persiste de qualquer forma –, e ainda assim não é páreo para a perfeição contida na idílica praça do orquidário na parte mais alta e fria dessa cidadezinha do interior. A tarde cai e o Sol aqui se esconde nos picos altos pouco depois do almoço. A cidade, na penumbra, vai se aquietando até sumir, com os últimos rastros de luz, por trás das fachadas antigas que servem de pasto vertical aos sedentos galhos verdes das trepadeiras. Na praça, o galpão central deixa entrever, em suas lonas

transparentes, a exuberância das flores em uma miríade de cores jamais alcançada nos meios digitais em que cresci.

Eu sempre chego com uma hora de antecedência. É o momento do dia em que eu descanso de todo o trabalho de preparação. É uma jornada árdua. O hotel já é caro por si só. Mas o lucro maior não vem do transporte para cá, vem das taxas de peso extracorpóreo cobrada para o envio de material adicional, que requer configurações complexas para garantir estabilidade no envio. Mesmo a roupa do corpo pode aumentar o ingresso em preços inacessíveis para funcionários médios como eu e o Dayo. Dinheiro local, ironicamente chamado aqui de Real, é oferecido a uma

taxa de câmbio inalcançável para a classe C. Chegando nu, as janelas do cronograma entre os encontros programados no meu script são preenchidas com longas corridas atrás do básico: roupas, algo de dinheiro, um lugar para tomar banho, desodorante, escova de dente, a pá de Kauã. Tudo isso sem machucar ninguém. O @hotelético sempre nos lembra do peso dos colaterais: “A vida em Santa Maria da Serra continua após a sua partida. Não destrua o futuro dessas vidas. Seja um hóspede ético”. Chego exausto, mas satisfeito. Sento no banco de madeira enquanto o vento úmido das florestas próximas acolhe. Uma paz profunda toma meu espírito. É só nesse momento que ela chega.

Vem com a roupa do trabalho, não tem tempo de passar em casa. Está com o perfeito equilíbrio entre o cheiro do amaciante caseiro que a mãe usa nas roupas e o leve suor de um dia movimentado. Vamos caminhando lado a lado, passando a mão sutilmente pelas pétalas delicadas, rindo do formato alienígena de algumas flores. Ela fala sobre o Bruno sendo perseguido pela Toinha na bicicleta e eu invento uma história engraçada sobre a vida no litoral – não quero arrastar Arcosanti para cá. Depois, alcançamos o pipoqueiro e o cheiro do leite condensado atinge os nossos sentidos com força. Ela sugere dividir um pacote de um real. Eu pego minha nota duramente conseguida de

esmolas no terminal rodoviário após contar uma história triste sobre perder a carteira e precisar voltar pra casa – cortesia de Dayo, assumo. Sentamos no banco e o frio faz com que os corpos se estreitem. Pegamos os grãos brancos enquanto nossas mãos eventualmente se encontram em toques confusos.

- Que porra é essa, véio?

Subitamente recebo um empurrão. Ao ver o rosto do Cléber eu me desfaço em completa frustração. Eu não podia falhar, não, não ali, já tão perto da plenitude. Não na última vez do mês. Não tão perto do encerramento do hotel. Ele avança:

- Então se não bastassem vocês virem para cá beber, mijar na rua e tentar comer as

meninas do interior, os boyzin da cidade acha que também pode brincar de roubar roupa dos outros, é isso? Acha que aqui é fim de mundo e cê pode levar minha camisa como souvenir de viagem, é isso?

Um chute de quem trabalha entregando galão de água de bicicleta me atinge as pernas e me lança ao chão sem nenhuma dificuldade. Na primeira vez eu pensei que Penélope iria prontamente me defender e iríamos nos afastar chamando Cléber de maluco. Mas ela confia na índole do rapaz. Ele não encrenca com ninguém na cidade, mas tem ranço dos turistas desde que um rapaz do litoral o atropelou há alguns anos. Ela se afasta e espera que a situação se esclareça. Eu me odeio. Devo ter errado o

número de novo. Cléber é a única pessoa que providencia a situação ideal para adquirir roupas locais no meu cronograma: não posso andar nu pela cidade, ou chamaria tanto a atenção que seria reconhecido, posteriormente no restaurante; dentre os pontos mais fáceis para conseguir roupa, a casa de Cléber é a única fácil de entrar sem ser visto e que me fornece roupas do tamanho certo e no estilo que atrai Penélope. Para evitar que ele chegue aqui nesse momento eu preciso pedir uma entrega de água na estrada principal, número doze – uma casa de aluguel por temporada em que o dono da loja não reconhece ninguém pela voz. Mas na droga da casa dois eles também não reconhecem a

voz e o meu sotaque aprendido nos tutoriais do Ego não facilitam a diferenciação dessas palavras. O problema é que Cléber sabe que a dois tá vazia e pede pro chefe conferir. Ninguém atende e o pedido é cancelado, fazendo com que ele chegue até aqui e tente arrumar briga.

Eu tento improvisar palavras. Jogo no escuro, sem script, sem chance de vitória. Todas as alternativas que eu experimentei depois desse momento deram errado. Ela sempre vai pra casa mais cedo. Distante. Arrependida. Eu penso nela. Penso nas próximas duas semanas de trabalho que me esperam. Nos meets com nosso manager nojento. Na fila. Nos hóspedes da barbárie. No final do hotel. Em situações normais eu

seria surrado por alguém como Cléber, sem nenhum contato humano violento ao longo da vida. Mas os constantes erros no hotel me ensinaram o básico e eu tenho a vantagem de ter, instintivamente, decorado bem a coreografia do entregador de água. Em alguns segundos ele está debaixo de mim. Penélope tenta nos separar. É o último toque que terei dela nessa viagem. Depois ela parte. Nas últimas vezes eu corro atrás dela para esticar a interação um pouco mais antes de afogar o resto do tempo no bar da estrada. Dessa vez eu continuo batendo em Cléber, cuja cara vai progressivamente se dissolvendo em raiva e frustração até que tudo que sobre dele é o calor úmido e vermelho nos meus punhos.

Volto a mim. Chamo a ambulância. Acompanho o rapaz até o hospital. O delegado Carvalho quer fazer umas perguntas. Diz que eu o acompanhe um minuto até a delegacia. São vinte duas e dezoito quando eu desapareço de sua viatura.



6.

- Cara, acorda. A Sybilla não te paga para ficar moscando. Daqui a pouco o bot dá alarme de ociosidade e você leva uma advertência do sistema. Eu já te ensinei a descansar a mente digitando programação aleatória no arquivo sem salvar depois. Tem que treinar, cara.

Aquele papo me cansa. Eu estou exausto daquilo tudo. Não quero estar ali. Nunca achei que fosse me sentir tão deslocado. Ria dos gamers de imersives de fantasia, casando com elfos mágicos virtuais ou qualquer merda dessas. Estava, claro, solitário, como a maioria de nós é lá no fundo, mas bem integrado ao meu mundo. Fiz programação porque me sentia

parte da veia pulsante da cidade. Venho de uma geração que num passado distante cruzou o mundo imigrando por uma vida melhor. Sinto-me um cidadão da Comunidade Internacional... ou me sentia. Angustia-me não poder terminar o dia no orquidário. Sinto vontade de comer torresmos. De ter um animal dentro de casa. Mesmo as propagandas absurdas da televisão me parecem carregadas de uma nostalgia que eu não deveria ter. Mas tenho.

- Acho que você nunca me contou sua primeira vez...

Dayo me olha estranho e, por um momento, acha que estou entrando em assuntos íntimos com ele, suando frio.

Depois entende ao que me refiro e retorna à descontração usual.

- Eu fui preso. Acho que eu não contei porque eu tenho vergonha. Mesmo que o curso de aculturação que a gente faz dê uma boa base, tem coisas que a gente só percebe ao vivo mesmo. Digita aí, Indra, cacete, o bot vai alarmar. Isso... olhando para diversos pontos da tela... pronto. Onde eu tava... bom tem coisas que a gente não leva tão a sério. Eu achava que ia entrar e ia ser como um imersive. Aí a gente sente aquilo tudo. Sabe que é real. A gente pensa logo nas aulas de instrução de segurança, nos formulários avisando dos perigos de acidente, de morte. Eram outros tempos, é quase impossível pra gente saber como se

comportar no começo. Eu tava tão animado com aquilo tudo que, cara, nem tava pensando em roupa direito. Eu peguei uma bermuda no ponto que eles recomendam no tutorial de começo e segui pela cidade. Queria falar com todo mundo, saber de tudo. Eu nunca entendi muito bem como tudo aconteceu. Mas falavam constantemente “Um negro andando por aí sem camisa... a gente ficou desconfiado...”. Acho que a alegria não durou uma hora. Apareceu uma viatura. O policial desceu e pediu pra eu encostar na parede. Ele não respeitava muito meu espaço pessoal e segurava uma arma de guerra do meu lado sem nenhum pudor. Eu tentei explicar pra ele alguma coisa, eu já num lembro bem, e

ele me empurrou com força, eu tentei resistir e não deu muito certo. Aquele cirurgião dentista que eu te recomendei foi por causa desse caso. Coronhada. Sem documentos, sem nada, parei na prisão. Ele disse que eu tinha sorte de ser uma prisão de interior, ou iam me enrabar por causa do meu jeito. É... eu sei que você deve estar pensando que fui louco de tentar outras vezes. Mas depois da primeira vez eu procurei pelo nome do policial dos fóruns e tinha um script especial para é... como dizer... me encaixar ali antes de sair passeando como um turista. Depois que eu peguei o jeito foi mais fácil...

Eu nunca passei por nada parecido. O Cléber e o Kauã pareciam problemas

infantis perto daquele pesadelo. A mira de uma arma... eu não sei se voltaria. Talvez por ela. Eu queria me distrair e só consegui me afundar com a história de Dayo. Tento desviar o assunto:

- Acho que escolhi a pergunta errada.

Como vai ser sua última vez?

Ele digita por um tempo olhando para a tela. Bebe um gole fundo de Focus e coça a cabeça:

- Ando pensando bastante nisso. Não vou mostrar pra você pra não dar azar, mas eu venho há algum tempo trabalhando num script grande. Eu quero fazer algo que deixe meu nome marcado em pelo menos uma das Santas Marias da Serra. Marcado mesmo. Como alguém importante que

passou por ali. Eu até comprei o masterclass da Bayzon sobre o caminho de ficar rico em catorze horas de maneira legal, o que envolve uma série complexa de transações comerciais em uma conta fantasma fornecida como brinde aos pagantes do curso. Acho que eu quero fazer algo que dê a eles um pouco do que nós temos aqui em Arcosanti... quem sabe, num futuro, encontram uma forma de reabrir a fenda e ela tenha se deslocado pro futuro também e a gente possa reencontrar todo mundo, ver o que mudou...

Eu penso em ser realista, mas me seguro. Eu já tentei alimentar essa esperança. O surgimento da fresta foi um fenômeno tão aleatório e raro quanto o

surgimento da própria vida – que uns postulam pode ter vindo também de outra realidade. Aproveitamos enquanto havia tempo, no breve intervalo entre a pesquisa científica e o controle de instabilidade. Ajudamos a Merriton a se tornar uma das três maiores empresas de Arcosanti. Agora as ações começavam a despencar. Pessoas perderiam empregos, bilionários ficaram um pouco menos bilionários, mas o mundo seguiria. Sem Santa Maria da Serra. Sem Penélope.

- E você?

Eu estava perdido no passado.

7.

Chego à porta da loja às oito e quarenta e dois da manhã. Espero trinta segundos para entrar, tempo que o dono demora para sair em direção ao banco fazer um depósito de dezessete mil quinhentos e vinte reais. Ele não pode me ver, ou horas mais tarde vai me reconhecer e tentar puxar conversa, quebrando o cronograma. Viro para uma vitrine próxima. Quando o sino da porta toca, corro para abri-la novamente, indicando minha chegada para Penélope, que levanta os olhos do seu livro e me encara por dois segundos. É a primeira vez que nos vemos. Dessa vez não haveria erro. Fiz minhas horas extras, vendi meus macros, todos os meus avatares, peguei um

extra na concorrência. Consegui pagar pelo mínimo: meu script anotado. Todos os passos. Trabalhei no arquivo de mais de cem páginas com todas as informações relevantes. Comprimi em letras pequenas os dados, segredos e mapas para qualquer emergência. Teremos o dia perfeito e ela nunca esquecerá de mim. Vou na direção dos panos. Catorze horas e quinze minutos. Catorze horas e quinze minutos. Catorze e quinze. É estúpido mesmo, o Dayo tem razão. Tic tac. Lá estou eu com os panos na mão olhando o vaso com a pequena pintura de Santa Maria da Serra e me sentindo deslocado e estúpido como se fosse a minha primeira vez. Acabo de perder o timing da

queda. Ela perdeu a atenção e voltou ao livro. Catorze e quinze. Tic e tac.

Eu também nunca contei como foi de fato minha primeira vez aqui. Eu tinha tanta empolgação... Era algo... novo. Pela primeira vez em tanto tempo alguma coisa de realmente diferente tinha acontecido no mundo. Tudo que tínhamos antes era uma reciclagem. Atualizações tecnológicas oferecidas com progressos tão constantes, mas tão insignificamente sutis que nunca nada era exatamente novo. Aquilo era. Imprevisto. Caótico. Perigoso. Tudo que já não existia em nosso mundo. E Penélope incorporava aquele mundo perfeitamente. A primeira vez que nossos olhos se cruzaram não foi na loja de suvenires, nem no

restaurante, muito menos no orquidário. Era minha última hora de retorno e eu corria desesperadamente de Toinha, que, ainda não sabia, só queria brincar comigo. Quando estendi os olhos em busca de ajuda, lá estava ela, com sua roupa de trabalho, um saco imenso de tecidos para serem cosidos mais tarde. Eu parei e esqueci completamente da vira-lata. Toinha pulava a minha volta fazendo festa. Ela parou há alguns passos de mim, me olhando como se eu fosse de outro mundo. Foram dois segundos eternos. Depois, riu e sua risada era a trilha sonora de Santa Maria da Serra. Era o que eu ouviria em minha mente antes de dormir a cada noite, nos intervalos do trabalho, nos fins de semana nos meets do

@hotelético. Ela chamou a cachorra, fez um carinho e entrou em casa. Eu fiquei ali sentado na calçada, olhando a rua e me sentindo... completo.

Catorze e quinze. Dayo está certo. É óbvio. Mas às vezes é a obviedade que revela a verdade. O script era estúpido. Sempre fora. Ela era uma força caótica. Nunca poderia ser domada. Deixo os panos no lugar e caminho em sua direção. Ela me encara, um pouco assustada pela minha expressão.

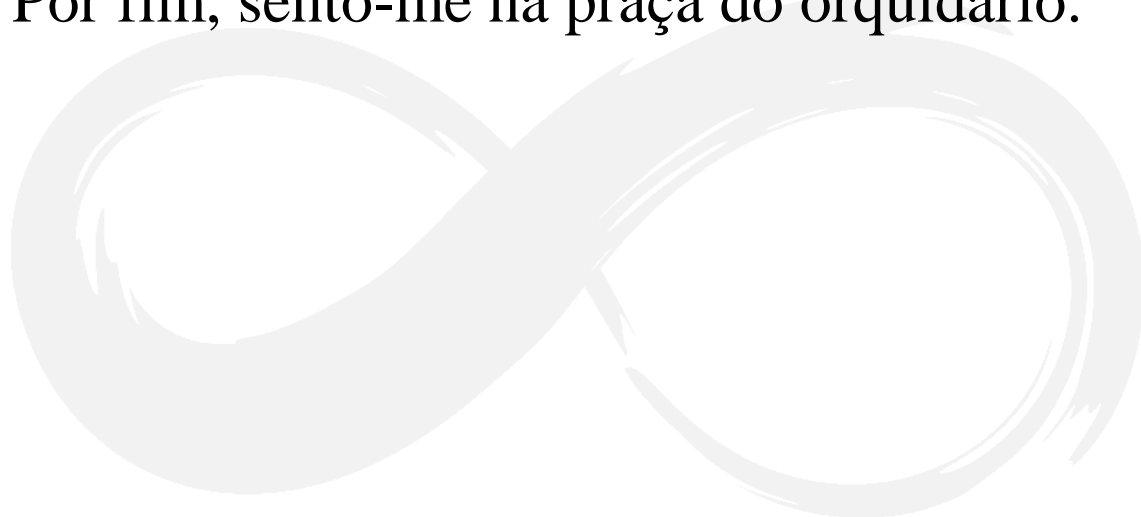
- Meu nome é Idran Mejía Khatri, eu venho de um lugar chamado Arcosanti. Em pouco menos de catorze horas eu vou ter retornar para lá e eu nunca mais poderei vir aqui. Não adianta entrar nos detalhes, mas

essa é a minha última vez nessa cidade, para sempre. Eu não sei se você acredita em outras vidas, mas de onde eu venho, digamos que faz parte da nossa visão de mundo. Eu conheço você de outras vidas. Eu sei que você não gosta de feijão tropeiro, mas sempre comeu porque acha que todo mundo vai te achar uma traidora por isso. Eu sei que você queria que a chuva tivesse gosto de chuva e que, quando ninguém vê, você abre a boca e prova para ver se realmente não tem, mesmo sabendo que não, e sei também que você queria comer pipoca doce com leite condensado não só no topo, mas em todas as partes, mas acha que se fizer isso em casa não teria a mesma graça, então tenta juntar coragem

para pedir ao pipoqueiro para fazer isso no seu aniversário. Você torna a vida em Santa Maria da Serra única só por existir e por rir com tanto gosto das coisas mais simples. Você tornou cada uma das minhas muitas vidas única, mesmo aquelas em que a gente nunca se conheceu. Mesmo nessa. Você passa o dia todo na loja, tem que trabalhar. Eu entendo. Mas se em algum momento do dia, você sentir de alguma forma, que há algo mais do que completa loucura nisso que eu estou dizendo, que valeria arriscar alguns minutos do seu dia para me ajudar a formar uma lembrança, eu vou estar na praça do orquidário.

Ela fica atônita. Eu saio e vomito. Limpo com as páginas do script. Mais

tarde, devolvo as roupas de Cléber depois de tomar um banho e pegar um conjunto usado cedido pelo bazar da igreja. É a primeira vez que uso aquelas roupas com cheiro de naftalina. Há algo de reconfortante no passado que elas carregam. Por fim, sento-me na praça do orquidário.



8.

- Você é engraçado. Acho que é essa sua cara estranha. Você não parece com ninguém mais. Todo mundo parece com alguém por aqui. Você não... Sabe por que eu comecei a trabalhar na loja? Eu nasci e cresci aqui na cidade mesmo. Mas minha mãe tinha uma enciclopédia em casa que a gente usava pra fazer trabalho e lá tinha um monte de foto sobre tanto lugar do mundo... Eu achava Santa Maria um lugar tão pequeno... ficava imaginando a imensidão do que tem lá fora. Por isso eu comecei a ler. Ler é como abrir uma pequena fresta para espiar outras vidas... outras possibilidades... Mas também é por isso que eu comecei a trabalhar lá na loja. Eu acho

que... acho que eu tinha a esperança que algum dia fosse aparecer alguém diferente. Alguém que permitisse tocar, mesmo que por um segundo esse mundo distante que eu nunca tive oportunidade de conhecer. Meu aniversário tá chegando e eu já tinha perdido as esperanças disso, depois de tanto tempo trabalhando lá e vendo sempre só o mesmo povo do litoral, as senhorinhas indo a caminho da pousada de águas termais, os bichos-grilo dos campings... E aí hoje você entrou e, lá na porta eu vi que a sua retina tinha tanta coisa gravada nela... um mundo tão grande... E depois aquela conversa. Era como se você surgisse de um conto tão improvável que, na hora, eu resisti a acreditar que fosse possível. Mas era tão

ridículo, tão absurdo, que ninguém em sã consciência inventaria aquilo esperando um encontro na praça com a vendedora de suvenires de Santa Maria da Serra. De alguma forma eu sabia que era verdade. Então eu vim.

Dessa vez Cléber não apareceu. Nem Kauã atrapalhou. Nem Bruno levou ela embora de bicicleta. Ela não perdeu a atenção. Nós resolvemos pedir ao pipoqueiro, ele disse que faria por cinco reais. Eu não tinha um centavo. Ela fez questão de pagar. Batizamos de “Especial Arcosanti”. Eu disse que, de volta à minha cidade, chamaria de “Especial Penélope”, mas ela disse para eu manter o paralelo e denominar “Especial da Serra”. Disse que

adorou minha camisa do deputado Rogério do Gás das últimas eleições. Corremos com Toinha. E lá estávamos, às vinte e duas horas e dez minutos na frente de sua casa. Pensei em puxá-la e beijá-la, concretizar o ato que eu arquitetei por tanto tempo, em tantas viagens, em tantos sonhos. Mas me pareceu bobo. Previsível. Eu disse pra ela que nunca tinha usado um telefone e ela riu muito. Pedi que me desse o número e uma ficha que eu ligaria para ela do orelhão para me despedir.

- Alô?

- Alô o quê?

- Você fala alô também.

- É o diminutivo de aloha?

- Quê?

- Esquece, eu não... a ficha não deve durar muito.

- Bom, Idran Mejía Khatri, cidadão de Arcosanti, foi um prazer conhecer você.

- Bom, Penélope... eu acho que eu não perguntei seu sobre... bom, não importa agora, bom Penélope de Santa Maria da Serra, foi um prazer conhecer você.

- É sério aquilo que você nunca vai voltar aqui?

- É difícil explicar. Mas é...

- E se eu visitar Arcosanti?

- Bom, procure uma loja de suvenires, talvez eu esteja por lá...

- ...

- ...

- Eu acho que isso tudo foi tão estranho que eu nunca vou esquecer...

- Obrigado, por tudo, Penélope. Foi um prazer passar tanto tempo com você.

- Só uma tarde...

- Em Arcosanti nós contamos o tempo diferente. Às vezes um dia se estende por meses... às vezes, dois segundos podem durar uma eternidade.

- Então, talvez, no tempo daqui, você não vá embora pra sempre. Você apareça amanhã e a gente coma um picolé na praça...

- É... talvez...

Só o silêncio persiste na escuridão do passado.



O NÃO-LUGAR

Lucas M. Carvalho

1

A história de um mago tem um valor imensurável. É por isso que alguns preferem esconder – enterrar suas lembranças em cofres nas profundezas da terra, protegidos por centenas de cadeados e portões maciços, para além de labirintos praticamente indecifráveis. Escondem sua história de todo e qualquer inimigo em potencial – inclusive deles próprios – obliterando sua mente após transcrevê-la para tomos criptografados em línguas impossíveis. O tesouro do mago são seus

segredos; descubra-os e se torne para sempre seu senhor.

Aqui, registrarei a minha. Ou pelo menos uma delas. Tenho inumeráveis histórias, algumas tecidas pelos conspiradores de Ávila Rupei, outras contrabandeadas nos infinitos becos de Val'Fontessa. A maioria delas se confunde em minha lembrança: não sei quais são de fato minhas, quais pertenceram a outro mago. Mas, no fim, não faz diferença. Os retalhos de conhecimento que hoje tenho dentro de meu crânio constituem a confusa essência de meu ser. Eles são o meu tesouro, meu valor imensurável.

Aqui registrarei a minha história, como disse. Aquela que veio antes de tudo.

Para escolhê-la, precisarei primeiro definir um padrão de tempo e espaço para que não caiamos no absurdo... Os antigos maias, em seu extraordinariamente preciso calendário lunar, concebiam a existência como um enorme círculo, no qual cada evento tem uma causa que o precede e uma consequência imediata, formando uma corrente cíclica de tamanho imensurável que acaba por fazer com que cada evento seja, no final das contas, a causa dele mesmo. Todavia, simultaneamente aos maias (mas separados pelo mar e pela língua), Hesíodo entendia o tempo de modo diferente. Em sua *Teogonia*, escreveu a respeito das musas testemunhando a vitória de Zeus sobre Cronos – sendo que elas

próprias ganhariam vida apenas depois dessa vitória. Para o grego, cada divindade gerava seu próprio tempo, com suas próprias regras, num *nihilo temporum* de extraordinária beleza poética.

Apesar de reconhecer seu encanto, oponho-me às concepções dos maias e de Hesíodo. Como cristão, vejo o tempo como um rio voraz que leva as almas à final compensação dos atos e à justiça eterna. Deleito-me nos conceitos de início e fim, de alfa e de ômega. É por isso que consigo delinear minha primeira história, quando os demais magos são incapazes de tal feito. Minha lembrança mais antiga, os fatos que precederam os fatos. O prelúdio à sinfonia. Minha amarga *genesis*.

É a história de quando descobri a existência do Não-Lugar.

2

Como costuma ocorrer, minha memória mais antiga remonta à idade de quatro anos. Lembro-me do calor, do suor no rosto, do cheiro de incenso de olíbano e da música tocada na flauta. Eu era uma criança pequena, confusa, fascinada pelo ruído das fontes e pela arquitetura do palácio, erigido às margens do Tigre e a dez milhas ao sul de Bagdá. Havia outras crianças, além dos servos e das mulheres do harém de meu mestre. Eu era o mais jovem dos quatorze aprendizes de Abdul al-Tahafut ibn Mustafá, mago e conselheiro do

Sultão Maomé II, o Conquistador. A História não viria a registrar isto, mas o exército otomano apenas conseguiu sitiar e conquistar Constantinopla graças às previsões de meu mestre. Foi sua feitiçaria primitiva, pré-islâmica, herança dos deuses pagãos da antiga Babilônia, que destronou os bizantinos e fechou a última página da Idade Média.

A magia despertou em mim cedo. Era uma tarde de verão do ano 859 do calendário islâmico, ou 1455 do gregoriano. Eu contava oito anos de idade. Passeava pelo jardim oeste, e tinha parado para desenhar na areia com a ponta dos dedos, solfejando uma música tradicional que costumava ser tocada antes do Ramadã.

Quatro dos aprendizes mais velhos me encurralaram. Sempre recaía certa hostilidade sobre mim, porque os demais garotos me viam como predileto (não sem motivo, eu descobriria mais tarde), mas naquela tarde foi diferente: golpearam-me com pedaços de madeira, chutaram minhas costelas retirando todo o ar. Depois os quatro urinaram em mim. Quando deram as costas, eu praguejei uma palavra qualquer, talvez do antigo sânscrito, que condensava todo o ódio que apenas uma criança é capaz de ruminar. Três deles saíram ilesos, mas o destino elegeu Jamal, o mais velho, para receber sua fúria: foi acometido de cegueira e surdez irreversíveis. Nem o mestre Abdul pôde ajudá-lo. Jamal foi

condenado a uma vida de silêncio e escuridão, guiada apenas pelo tato, e a uma velhice de miséria e esmolas – um preço, entendo hoje, alto demais por um erro tão juvenil.

Abdul al-Tahafut ibn Mustafá havia finalmente encontrado seu herdeiro. Ao se certificar de meu poder, de minha inteligência e da paixão que corria em minhas veias, se desfez dos demais aprendizes: os meninos foram vendidos como escravos para caravanas de beduínos, e as meninas foram entregues como presentes ao harém de um califa egípcio. Eu me tornara seu aprendiz definitivo.

Três anos depois, o verão castigava as planícies às margens do Tigre. Mais cedo, naquele dia, meu mestre tinha saído para seus afazeres nas mesquitas, e eu ficara com uma série de estudos e traduções a serem concluídas. Mesmo tão jovem, eu já era fluente em árabe, português, grego e latim.

Os arquivos de Abdul eram separados em três salas distintas: a primeira, local de estudo e oração, tinha uma mesa espaçosa, papel e lâmpadas de azeite. Eu passava a maior parte do dia ali, a não ser ao entardecer, em que podia sair para brincar nos pátios. A segunda sala era o arquivo, com estantes altas cheias de livros, em grande parte cópias de volumes da biblioteca de Alexandria. Eu entrava ali

apenas para buscar os tomos, e jamais permanecia muito tempo. A terceira ficava além de uma porta em que, apesar de destrancada, eu jamais ousara entrar. Rotineiramente, durante as sete horas de estudo diários, eu deveria dedicar metade do tempo ao conteúdo específico ordenado pelo mestre, e a outra metade a um estudo livre, de acordo com meus desejos e curiosidades. Aprendi sobre a Criação, economia, os sultões, a filosofia dos gregos, As Mil e Uma Noites. Contudo, todos os livros eram permitidos nessas leituras, desde que eu não atravessasse aquela porta. A proibição era antiga, tão antiga que nem sei quando se originou, ou mesmo se eu a havia imaginado.

Naquele dia de calor infernal, com a insistente ausência do mestre, tornou-se mais forte o desejo que já me cortejava há muito tempo. Eu terminava de transcrever pela quinta vez os comentários de Avicena sobre a Metafísica de Aristóteles, na parte de seu salão que dava para a fonte na qual os servos trabalhavam, quando desejei ardentemente descobrir o que era guardado naquela sala; e apesar do contraditório sentimento que me impelia e repelia à transgressão, acabei por ceder.

Era como um sonho. A sala escura, o cheiro ancestral e a poeira impregnada nos papéis. Era estranha. Fiquei decepcionado ao notar que a maior parte dos livros estava em línguas que

desconhecia. Então percebi que havia textos absurdos. Um deles era composto por centenas de milhares de caracteres diferentes, sem uma única repetição – e como meu entendimento era o de que nenhuma língua poderia se articular apenas com caracteres inéditos, concluí que estava diante de um sistema de ideogramas incompreensivelmente superior ao meu. Encontrei também um livro em branco, e outro que repetia a mesma palavra por cada uma de suas duas mil páginas. Outro livro era composto apenas pelas duas capas, sem nenhuma folha dentro. A estranheza daquele lugar me perturbou: sua organização era impossível. Todavia, minha atenção foi capturada quando, por fim,

encontrei o Livro. Percebi um padrão matemático impronunciável, que partia da posição e do conteúdo dos demais livros, como se todos convergissem para Aquele. Talvez eu estivesse louco, mas o padrão se estendia à arquitetura da sala... Às colunas do palácio, aos jardins, às planícies da Mesopotâmia e assim por diante.

Ergui o tomo. Incrivelmente grande, surpreendentemente leve. O título em latim era *De Nihilo Loco*. Mal pude vislumbrar as primeiras duas frases, cujo idioma não conhecia, quando meu mestre me surpreendeu.

Fui severamente disciplinado. Pôs-me de joelhos, as mãos sobre o tomo, e açoitou-as com uma vara de espancar

mulas. A pele das costas das mãos se abria a cada golpe, e o sangue encharcava o Livro. Abdul transbordava fúria enquanto citava Hamlet, dizendo que há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia (frase que seria escrita pelo poeta apenas cento e cinquenta anos depois). Bradava também que o conhecimento é uma fera indomada – e que os soberbos que imaginam poder controlá-la acabam por ser devorados.

Veja, ainda tenho as cicatrizes nas costas de ambas as mãos – estão entre as mais antigas das que coleciono. Mas a semente estava plantada. O tempo, as cicatrizes e o Livro: os três ingredientes que culminariam em minha inevitável revolta.

Por anos, não voltei a me aproximar da sala proibida. Por anos, fui um aluno fiel e aprendi os segredos da feitiçaria de Abdul al-Tahafut ibn Mustafá. À idade de doze, conseguia produzir fogo; aos treze, invertia as forças que puxam os objetos ao solo; aos quatorze, induzia sonhos e visões nas mentes dos servos. Retorci as regras da lógica, executando hoje uma magia que já tinha se manifestado no passado: por exemplo, fui capaz de gerar uma ninhada de cupins que devoraram, na semana anterior, o miolo de uma árvore, provocando apenas hoje sua queda.

Contudo, eu tive perguntas não respondidas, que se tornaram mais incômodas à idade de dezessete.

Minha origem, por exemplo, ainda era um mistério. Eu era convicto, e ainda o sou, de que todos têm o direito de encontrar suas raízes. Todavia, infelizmente um homem não pode lembrar de sua tenra idade, ficando à mercê daquilo que lhe contam. Obviamente eu não era filho de Abdul, pelas inegáveis diferenças físicas. Há pelo menos três versões de minha origem. A primeira delas, contada por meu mestre quando eu tinha sete anos, era a de que ele me havia esculpido do barro, numa técnica proibida da cabala judaica, e colocado em mim o sopro da vida. Isso

explicava o porquê de minha pele ser mais branca (por conta da cor da argila mesopotâmica) e também de me faltar o dedo mínimo do pé (um erro de modelagem). Abdul sempre reafirmou, a partir de então, que me criara para ser um mago tão grandioso que superaria o próprio mestre. Essa minha origem justificava eu ser mais inteligente que as demais crianças.

Contudo, essa versão não se sustentou por muito tempo. Em meus estudos do Talmud e nas conversas com mestres judeus itinerantes, descobri que, para dar vida a um *golem*, é necessário ser santo e gravar a palavra *emet* (verdade) na testa da escultura – dois requisitos inexistentes. Além disso, mesmo esculpida

com perfeição, a criatura jamais teria o dom da fala. Por isso comecei a duvidar daquela versão, e confrontei meu mestre.

Então ele contou uma versão diferente. Admitiu que eu era humano e mortal, descendente de Adão. Disse que minha terra natal era muito distante dali, nas terras gélidas de um lugar chamado Dinamarca, numa região fronteira em que a guerra contra os Escotos era constante. Era tão longe que pouquíssimos otomanos sequer ouviram falar deles. Explicou que a magia é privilégio de poucos homens, que se origina de forças intelectuais e espirituais profundas, e que apenas um em cada cem mil homens nasce com esta centelha, e mesmo assim a maioria deles morre sem ter

tido a chance de despertá-la. Ele teria recebido a revelação de meu nascimento nas entranhas de um camelo morto, e decidiu viajar durante meses, desde o Eufrates até o norte da Europa, já que estava ficando velho e até então não encontrara um aprendiz com inteligência suficiente para dar seguimento a seu legado. Contou-me que, além dele, um feiticeiro macedônio, que havia recebido a revelação pelo auspício dos pássaros, também veio em minha busca, assim como um padre bizantino (isso fora antes da queda de Constantinopla). Os três duelaram até a morte, sendo Abdul al-Tahafut ibn Mustafá o vencedor, tendo o direito de me levar, na

ocasião com dois anos de idade, como seu aprendiz.

Esta versão me pareceu muito mais crível. Eu tinha o gelo na memória, a imagem ancestral dos deuses de Asgard, lembranças dos remos dos dracares mergulhando no Mar do Norte. Corria em meu sangue o eco dos nomes de Odin e dos Jarls. Isso explicava também minha pele e meus olhos, e o porquê de eu odiar tanto o calor e a secura do deserto. Meu mestre explicou que meu pai fora um valente guerreiro que morrera na guerra contra os cristãos da Britânia; e minha mãe tinha sido facilmente convencida a me deixar partir para aprender as prodigiosas técnicas de feitiçaria que Abdul demonstrara. Disse

também que meu dedo mínimo do pé havia necrosado por conta de um inverno rigoroso, quando eu ainda era um bebê de colo.

Quando questionei o porquê de ter mentido na primeira vez, o mestre Abdul disse que para um mago pouca diferença há entre o real e o imaginário, e que as verdades se descontroem e reconfiguram. Eu detestei essa explicação. Ele reafirmou que um mago nada mais é que um mentiroso, mas cujas mentiras são tão poderosas que subvertem o mundo empírico. Continuei a detestá-la.

Sim, eu havia dito que há três versões de minha origem, apesar de ter apresentado apenas duas. A terceira,

considero eu, é aquela que jamais alcançarei: a verdade. Não tive paciência de esperá-la. Os questionamentos se multiplicavam, e minha origem era apenas o primeiro deles. Abdul mentia, camuflava tesouros de conhecimento em meias-verdades. Cheguei a vislumbrar, ao olhar seu rosto de relance, a face de um diabo, talvez um *Jinn* ou um *Baphomet*. A cada dia eu o conhecia menos. Numa noite fria, enquanto Abdul se ausentava do palácio, roubei o Livro e fugi ao deserto.

5

A jornada foi árdua. Durante os próximos dois anos eu subi em direção a Alexandria, onde tomei um barco pelo

Mediterrâneo e pelo Mar de Mármara em direção a Constantinopla. Vivi do pouco dinheiro que trouxera comigo, e de trapaças mágicas em tavernas e mesas de aposta. Fazia também pequenos espetáculos de prestidigitação. Durante esse tempo, conforme minha fama se espalhava, decidi abandonar o antigo nome árabe dado por meu mestre (que lancei ao esquecimento propositalmente, de modo que não saberia dizer, se me perguntassem). Escolhi um novo nome, de origem grega, por considerar o pensamento racional daquele povo superior ao de qualquer outro da Terra. Os nomes Aether e Tártaros muito me agradavam, significando respectivamente o céu mais elevado e o inferno mais

profundo. Contudo, quando finalmente visitei, mais de um ano depois, o monte Athos, na Grécia, fiquei fascinado pela figura pouco conhecida do gigante filho de Gaia e Urano, que chegou a derrotar Zeus, mas foi preso devido a uma traição conspiratória de todo o Olimpo. Um oráculo grego me advertiu que o nome deveria ser escolhido com cuidado, pois traria consigo todo o peso de seu significado.

No topo do monte Athos, tentei traduzir o livro, analisando os caracteres manchados por meu próprio sangue. O texto estava registrado num tipo de idioma indo-europeu extinto. Sem falantes, sem outros registros semelhantes. Era como se

fosse um ancestral comum do etrusco, do grego micênico, das línguas celtas, germânicas e balto-eslavas. Para descobrir o significado de cada palavra, eu precisava pesquisar em mais de cinquenta línguas, para saber se haveria alguma raiz que permaneceu minimamente intocada. Na maioria das vezes, não havia. Era um trabalho hercúleo, como um homem solitário a erigir as pirâmides. Mas este não era impossível. Pelo menos não para mim.

Como levaria anos naquela tarefa, entendi que não a concluiria sozinho. Conforme a maturidade chegava, eu inevitavelmente me tornava mais bem relacionado: primeiro entrei para a Sociedade de Astronomia de Amsterdã;

depois, em Florença, fui iniciado na maçonaria; e um ano depois me desfiliei da irmandade. Conheci outros magos proeminentes, alguns eslavos da Europa Oriental, outros nobres parisienses. Por motivos óbvios, eu jamais revelei possuir tal Livro, buscando ajuda para traduzir não mais que uma palavra ou outra – os magos, contudo, jamais ajudam de graça, e logo eu me vi metido numa intrincada rede de favores, débitos e influências. Um antigo companheiro de irmandade tentou me matar num beco em Praga. Dois meses depois, fui emboscado em Gênova, e consegui eliminar meus agressores ao custo de uma queimadura na perna direita. Mas o pior estava por vir: quando eu estava prestes a

finalizar a tradução do Livro, soube, por informantes confiáveis, que um homem me procurava incansavelmente pelos castelos da Europa. Era Abdul, meu antigo mestre, e que por certo desejava recuperar o que lhe roubei.

6

Eu finalizei a tradução numa agradável tarde de outono nos jardins do palácio Belvedere, aos trinta e um anos de idade. Estava em Viena a convite da corte dos Habsburgo – e depois de um almoço, atendi ao pedido de realizar qualquer prodígio mágico. Observei os rostos, os pratos, a disposição dos talheres e dos restos de comida; depois o vento, os astros.

Descobri padrões geométricos na matéria, e funções matemáticas regentes das leis do mundo me fizeram prever, com surpreendente precisão, que a Áustria seria atacada pelos Otomanos dentro dos próximos cinquenta anos. Os ânimos baixaram, e percebi que minha presença já não era mais bem-vinda (eles viriam a me procurar no futuro, quando os exércitos inimigos estivessem às suas portas, mas então eu teria afazeres mais relevantes). Não importava. Eu estava ali de passagem, e meu objetivo tinha sido concluído: o texto estava pronto, e foi lido e relido às margens do belíssimo lago em Viena.

As vinte primeiras páginas eram um resumo poético do épico do Gilgamesh, da

narrativa do Dilúvio, desde que Cão, filho de Noé, foi amaldiçoado e expulso. A partir daí era uma espécie de diário de um viajante sem nome, que havia reunido segredos de tempos primordiais em uma viagem ao Egito. Descobri que tinha relação com a Irmandade dos Construtores de Catedrais da Europa. Das próximas cinco páginas entendi muito pouco.

Depois, o livro falava de um espaço chamado Não-Lugar (*De Nihilo Loco*), quando escrito em latim; *Utopia*, quando escrito em grego). Havia uma descrição muito vaga de sua natureza, e raras indicações de sua localização. Às vezes era referida como “mundo do alto ou do centro”, outras vezes como “mundo dos

mundos”]; também como a morada dos “arquitetos” ou “demiurgos”. Era o mundo perfeito de Platão, do qual cada coisa em nosso mundo é uma mera imitação. Em certo momento foi referida como uma cidade. Dizia que a Babilônia de Nabucodonosor fora construída como uma ínfima tentativa de imitar seus deslumbres. Nenhum homem a tinha visto, apenas sonhado com ela; mas a natureza em toda a sua complexidade deixava rastros que apontavam o caminho, mesmo nas fibras das folhas. Percebi ali que a própria arquitetura do palácio de mestre, principalmente de sua sala secreta, era um esforço de reproduzir esses padrões.

O trecho final, de quase cinquenta páginas, era o diário pessoal de Ambrósio Aureliano, antigo líder militar romano-britânico bem conhecido entre os anglo-saxões, e transcrevia alguns trechos pré-históricos que extraiu de Avalon através de magia. Esses trechos, transcritos integralmente no livro, eram dezessete blocos, cada um dividido em duas partes de dez versos cada, e foram definidos pelo próprio Ambrósio Aureliano como “o mapa grafado que leva ao Não-Lugar”. Os versos eram simbólicos, registrados em enigma, e citavam os trinta e quatro “portões” ou “guardiões” que esconderiam a entrada da cidade. Seria possível ao homem chegar à

morada superior, se conseguisse desvendá-los.

7

O universo traz coincidências e sincronismos impressionantes. Depois de anos tentando decifrar a língua daquele livro, finalmente o tinha em mãos, naquela agradável tarde de outono.

E ele queimava diante de meus olhos.

Eu tentei desesperadamente salvá-lo. Confuso, tentando entender a combustão espontânea que acometeu o tomo, fiz o possível para conter as chamas. Mas elas não eram naturais, e o papel se reduziu às mais insignificantes cinzas. Nas sombras,

entre os arbustos do jardim, vi a silhueta de Abdul al-Tahafut ibn Mustafá, nem um dia mais velho que da última vez em que nos encontramos. O maldito queria fechar minhas portas; queria me impedir de encontrar *Utopia*, porque ele próprio não tinha sido capaz de fazê-lo. Destruiu o Livro para igualar todos os magos à sua incompetência. Eu o persegui: das florestas labirínticas da Germânia às ruas de Lisboa; dos palácios do Marrocos às montanhas da Croácia. O confronto foi confuso e intenso: Abdul atingiu meu rosto com sua antiga cimitarra, rasgando-me os lábios e o nariz, afogando-me em sangue. As armas do mago costumam ser as palavras e a astúcia, de modo que um duelo como este é

raríssimo – mas quando acontece, os danos na mente, e no corpo e no mundo são irreversíveis. Pouco sou capaz de me lembrar do que aconteceu naquela luta; guardo apenas essa horrenda cicatriz na face, pela qual eu, Athos de Val’Fontessa, sou conhecido. Sei apenas que, no fim do confronto brutal, segurei-o pelo rosto e o arremessei do penhasco. Ele bateu duas ou três vezes nas rochas, fraturando a coluna e o pescoço, porém caiu vivo em cima de um enorme formigueiro. Seus olhos estavam abertos e trêmulos enquanto as formigas se agitavam em excitação para envolver e consumir sua carne.

Caí de joelhos e chorei amargamente.

Este é o fim da minha primeira lembrança, a história que delineou meu caráter e minha inteligência. História de valor inestimável, que poderia ser vendida aos traficantes das ruelas de Ávila Rupei, ou trocada por uma posição de valor nas irmandades de Joruscant. Talvez falsa, talvez verdadeira.

As consequências possíveis dessa história são duas. Na primeira, o Não-Lugar é um mundo superior, que imaginei e reimaginei em meus sonhos nos anos que se passaram, onde os magos comungam de saberes de diferentes mundos, e os homens podem conversar com as estrelas. Abdul, um homem inegavelmente proeminente,

tinha dedicado sua vida à busca do Não-Lugar. Todavia, a proeminência não bastava; o enigma de sua localização era quase indecifrável à mente humana. Contudo, ao ver-me mais talentoso que ele, foi acometido por um medo que os gregos bem conheciam. O medo que Urano teve de Cronos, de ser superado e destronado por seu próprio filho. Medo que se repetiu, e levou Cronos a devorar seus filhos Zeus, Poseidon e Hades, numa tentativa fracassada de impedir que o processo de repetisse. O mesmo aconteceria com Zeus, se Aquiles tivesse nascido seu filho... Era o desprezo mesquinho que Abdul tinha ao pensar que fora superado pela sua criação, e

por isso ele destruíra o livro, fechando as portas de *Utopia* para sempre.

Há, contudo, uma segunda possibilidade que me assombra. Não consigo deixar de pensar em Abdul como um demônio, geração horrenda dos sátiros. Nesse caso, ele não era meu mestre, mas meu carcereiro, cuja função era me ludibriar. Jogava migalhas de ensinamentos, mas impedia o desenvolvimento de meu pleno potencial, mantendo-me ao mesmo tempo perto e longe da saída, até que eu morresse velho e conformado com este mundo. Talvez o Não-Lugar seja o lugar real, e aqui seja o teatro de marionetes. Lá, a Cidade Perfeita, e aqui as masmorras. A dúvida será eterna,

condenada a passear em meu entendimento
para sempre, pois o carcereiro engoliu a
chave antes de sair.

.



Design gráfico

Pedro Sasse

Autores

Jonatas Tosta B.

Gabriel Sant'Anna

Lucas M. Carvalho

S.

Imagens

Andreas Zimmermann (Capa)

Garik Barseghyan (Fim)

